

MONITORIZAÇÃO AGROMETEOROLÓGICA E HIDROLÓGICA

31 de janeiro de 2025

Ano Hidrológico 2024/2025

**Relatório do Grupo de Trabalho de assessoria técnica à
Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos
Efeitos da Seca**

Índice

1. Nota Introdutória	6
2. Avaliação meteorológica	8
2.1. Temperatura e Precipitação	8
2.2. Situação de Seca Meteorológica	12
Índice de Água no Solo (SMI)	12
2.3. Evolução até ao final do mês	16
3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras	18
3.1. Situação de Seca Hidrológica	22
3.2. Disponibilidades hídricas <i>versus</i> necessidades	24
4. Águas Subterrâneas	29
4.1. Comparação com o mês anterior.....	29
4.2. Análise dos níveis piezométricos.....	29
4.4. Massas de água em vigilância	35
4.5. Apreciação geral.....	35
5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola	36
5.1. Análise aos dados hidrométricos	37
5.2. Planeamento de contingência.....	38
6. Agricultura e Pecuária	42
6.1. Sementeiras de cereais praganosos	42
6.2. Prados, pastagens permanentes e forragens	43
6.3. Culturas arbóreas e arbustivas (vinha, pomares e olival):	43
6.4. Abeberamento dos animais	44
7. Outras Informações	45
7.1. Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	45
7.2. Abastecimento público	47
7.3. Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão	55
Anexo I	59
Anexo II	64
Anexo III	65

Índice de Figuras

Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de janeiro (período 1941 – 2025) (Fonte: IPMA).....	8
Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de janeiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA).....	9
Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de janeiro de 2025 em Portugal continental (Fonte: IPMA).....	9
Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de janeiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA).....	10
Figura 5 - Precipitação mensal acumulada nos anos hidrológicos 2023/24, 2022/23 e precipitação normal acumulada 1981-2010 (Fonte: IPMA).....	11
Figura 6 - Distribuição espacial da precipitação (em percentagem) em janeiro 2025 (esquerda) e no ano hidrológico (Fonte: IPMA).....	12
Figura 7 - Percentagem de água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 31 dezembro 2024 e a 31 janeiro 2025 (Fonte: IPMA).....	13
Figura 8 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica a 31 de dezembro 2024 e a 31 de janeiro 2025 (Fonte: IPMA).....	14
Figura 9 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de janeiro 2025 (Fonte: IPMA).....	15
Figura 10 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de fevereiro de 2025 (Fonte: IPMA).....	16
Figura 11 - Situação das albufeiras em dezembro de 2024 (esquerda) e em janeiro de 2025 (direita).....	18
Figura 12 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de janeiro de 2024 e de 2025 (Fonte: APA).	19
Figura 13 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2023 até 31 de janeiro de 2025, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).....	21
Figura 14 - Níveis de seca hidrológica no mês de dezembro de 2024 (esquerda) e em janeiro de 2025 (direita) (Fonte: APA).....	23
Figura 15 - Nível de armazenamento em janeiro de 2025 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de janeiro (Fonte: APA).....	24
Figura 16- Volumes armazenados desde outubro de 2024 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA).....	25

Figura 17 - Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Monte da Rocha considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2025 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano). (Fonte: APA)	25
Figura 18 - Volumes armazenados desde outubro de 2024 e a média, na albufeira da Bravura26	
Figura 19- Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira da Bravura considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2025 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano) (Fonte: APA)	26
Figura 20 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/01/2025)	27
Figura 21 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 31 de janeiro de 2025 e comparação com os valores de armazenamento observados a 31 de janeiro de 2024 (Fonte: APA)	28
Figura 22 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre dezembro de 2024 (esquerda) e janeiro de 2025 (direita) (Fonte: APA).	29
Figura 23 - Localização das albufeiras monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR).....	36
Figura 24 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório.....	38
Figura 25 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório	39
Figura 27 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC).....	45
Figura 28 - Volume total armazenado (valores médios) a 31/01 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2022 e 2025 (Fonte: AdP)	47
Figura 29 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2025 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).	49
Figura 30- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2025 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).	50
Figura 31- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2025 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP).	51
Figura 32 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão	57

Índice de tabelas

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal	6
Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2024 e janeiro de 2025 (Fonte: IPMA)	14
Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em janeiro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, http://sir.dgadr.gov.pt/reservas)	37
Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (31 de janeiro de 2024), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)	40
Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (31 de janeiro de 2025), de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)	41
Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 31/01/2025 (Fonte: AdP)	47
Tabela 7 - Ponto de situação, a 31/01, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume total armazenado (hm ³ e %) (comparação entre 2022 e 2025) (Fonte: AdP).	48
Tabela 8 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)	52
Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/02/2025 (Fonte: EDIA)	55
Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/02/2025 (Fonte: EDIA)	55
Tabela 11 - Volumes totais elevados (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/02/2025 (Fonte: EDIA)	56

1. Nota Introdutória

O presente relatório foi elaborado com o objetivo de assegurar uma Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, para que fique reunida a informação suficiente para avaliação das disponibilidades hídricas em Portugal Continental.

Esta monitorização consta da compilação dos parâmetros acompanhados pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA), pelo Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), em ligação com as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) e com Instituto Nacional de Estatística (INE), pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), pela Autoridade Nacional Emergência Proteção Civil (ANEPC), pela Águas de Portugal (AdP) e ainda com a informação disponibilizada pela Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), Tabela 1.

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal

Parâmetro	Organismo	Periodicidade
Precipitação, Teor de Água no Solo, Temperatura do ar e Previsões meteorológicas (temperatura e precipitação)	IPMA	Mensal
Agricultura de Sequeiro e Pecuária Extensiva	GPP/DRAP/INE	Mensal
Armazenamento de Água Subterrânea	APA	Mensal
Armazenamento de Água Superficial (albufeiras)	APA	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras dos Aproveitamentos Hidroagrícolas Grupo 2 e algumas do Grupo 3	DGADR	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras utilizadas para produção de água para abastecimento público	AdP	Mensal
Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	ANEPC	Mensal
Transferências do sistema Alqueva-Pedrogão	EDIA	Mensal

A presente abordagem está prevista no Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca, aprovado pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca (CPPMAES), criada pela Resolução de Conselho de Ministros nº 80/2017, de 7 de junho.

Este diploma criou também um Grupo de Trabalho com o objetivo de assessorar tecnicamente a Comissão, que tem, de entre outras, a função de:

“Produzir relatórios mensais de monitorização dos fatores meteorológicos e humidade do solo, das atividades agrícolas e dos recursos hídricos, cuja periodicidade deve ser intensificada quando seja detetada uma situação de anomalia ou declarada uma situação de seca, sendo que nestas situações os relatórios passam também a incluir as estimativas de consumo ou utilização pelas principais atividades, nomeadamente o abastecimento público, a agricultura, a produção de energia e a indústria com maiores consumos de água.”

Nos relatórios poderão ser sempre incluídos temas que seja oportuno dar a conhecer, sejam de caracterização das condições, sejam de divulgação de recomendações ou de decisões técnicas e políticas assumidas.

Essas vertentes enquadrar-se-ão no referido Plano, que, apresentando-se estruturado em três eixos de atuação - Prevenção, Monitorização e Contingência - contempla temas como a determinação de limiares de alerta, a definição de metodologias para avaliação do impacto dos efeitos de uma seca, a conceção de manuais de procedimentos para padronização da atuação, a disponibilização de planos de contingência e a preparação prévia de medidas para mitigação de efeitos da seca.

Este relatório de monitorização agrometeorológica e hidrológica, relativo a 31 de janeiro de 2025, é o nonagésimo nono produzido no contexto legislativo referido e o quarto do ano hidrológico em curso (2024/2025).

2. Avaliação meteorológica

2.1. Temperatura e Precipitação

O mês de janeiro de 2025 em Portugal continental classificou-se como muito quente em relação à temperatura do ar e muito chuvoso em relação à precipitação, Figura 1.

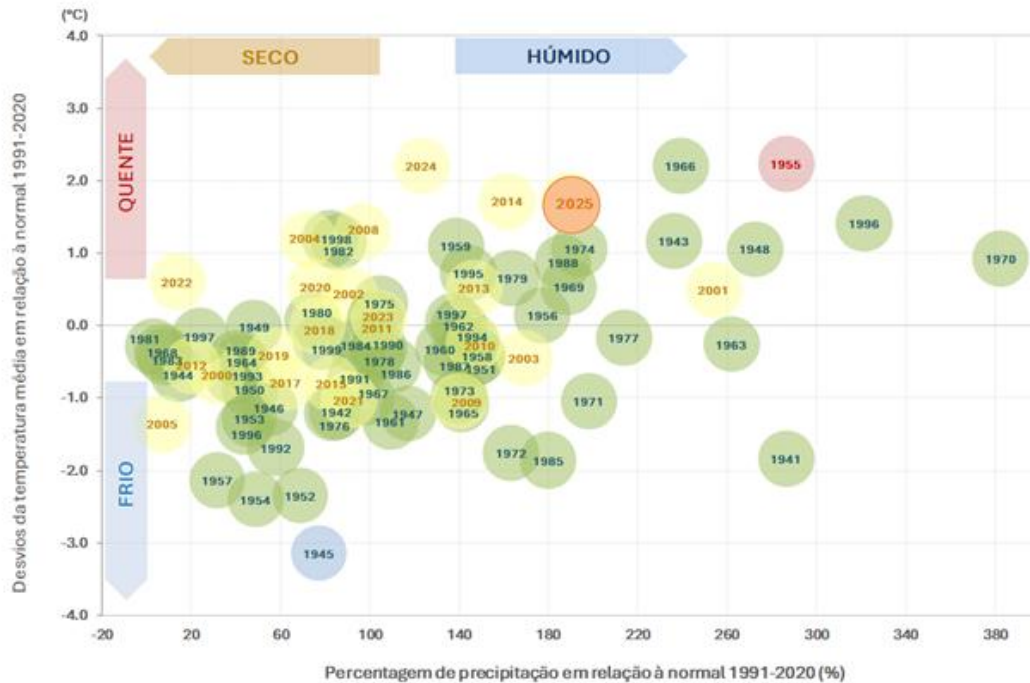


Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de janeiro (período 1941 – 2025) (Fonte: IPMA)

O mês de janeiro em Portugal continental, em termos de temperatura média do ar, foi o 6º mais quente desde 1931 (mais quente: 1955 com 11.28°C) e o 4º mais quente desde 2000. O valor médio da temperatura média do ar, 10.71 °C, registou uma anomalia de +1.66 °C em relação à normal 1991-2020, Figura 2.

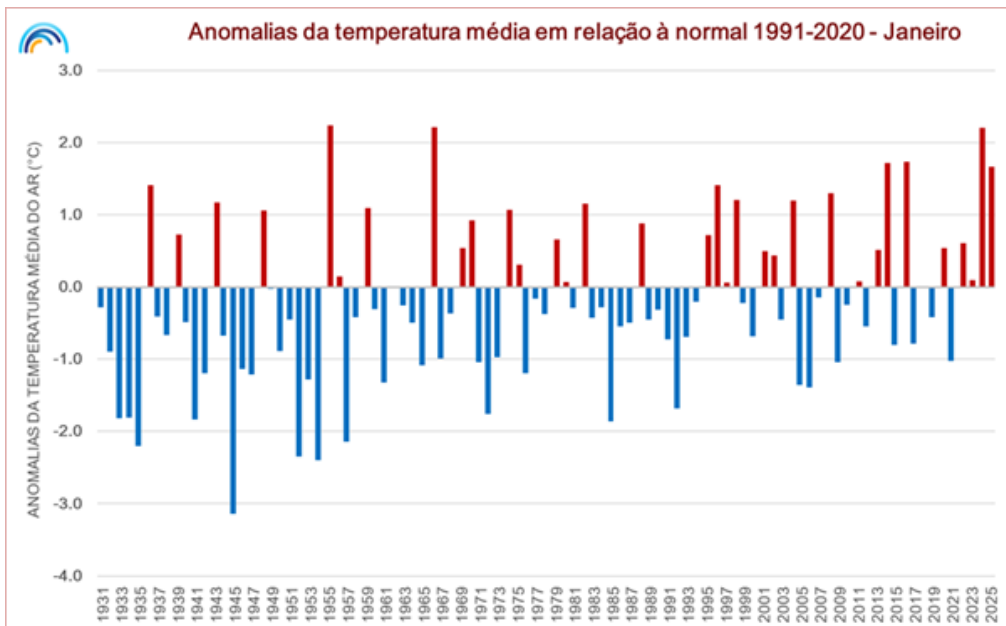


Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de janeiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

O valor médio da temperatura máxima do ar, 14.91 °C, registou um desvio positivo de 1.55 °C em relação à normal sendo o 3º valor mais alto desde 1931 (mais altos: 2024 e 2022). O valor médio da temperatura mínima do ar, 6.51 °C, foi + 1.78°C acima do valor médio, sendo o 4º valor mais alto desde 2000.

Na Figura 3 apresenta-se a evolução diária da temperatura do ar (mínima, média e máxima) de 1 a 31 de janeiro de 2025 em Portugal continental. Durante o mês verificaram-se dois períodos quentes (de 3 a 13 e de 20 a 31) e um período frio (14 a 19) tendo as anomalias mais significativas sido registadas nos valores da temperatura mínima do ar.

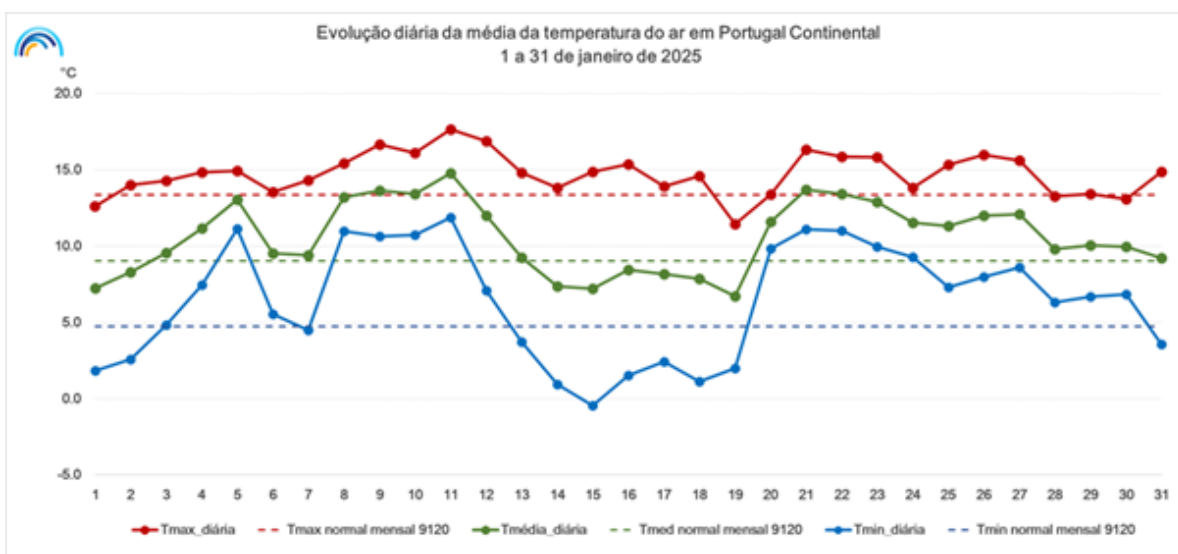


Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de janeiro de 2025 em Portugal continental (Fonte: IPMA)

Em relação à precipitação (Figura 4), no mês de janeiro de 2025 o total de precipitação mensal, 190.3 mm, foi muito superior ao valor médio 1991-2020 (+85.3 mm), sendo o 2º mais chuvoso desde 2000 (mais chuvoso 2001, 254.2 mm). Valores de precipitação superiores aos registados neste mês de janeiro ocorreram em 20% dos anos desde 1931.

Durante o mês de janeiro registaram-se valores elevados de precipitação em especial no período de 5 a 8 na região Norte e Centro e nos períodos 19 a 22 e 24 a 29 em todo o território. De referir que em muitas estações meteorológicas do interior Norte e Centro e Alto Alentejo o total mensal foi cerca de 2 vezes o valor médio mensal (1991-2020), tendo ainda sido ultrapassado o maior valor mensal para janeiro em 9 estações meteorológicas.

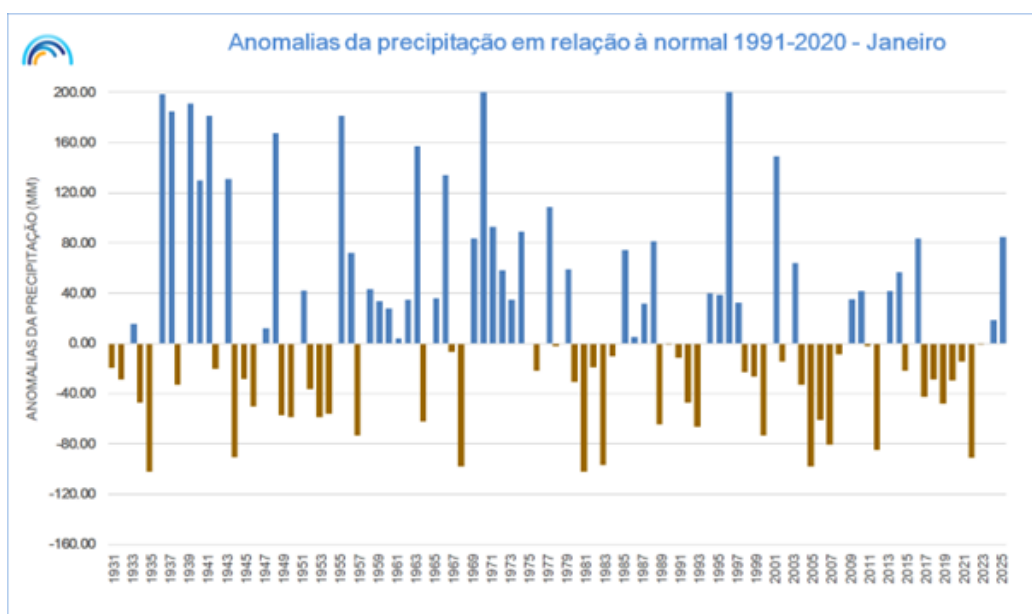


Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de janeiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

Em termos de distribuição espacial, os valores de precipitação foram superiores ao valor normal 1991-2020 em todo o território, em especial nas regiões do interior Norte e Centro e em grande parte do Alentejo, onde se registaram os maiores desvios em relação à média (Figura 6 esquerda).

O maior valor mensal da quantidade de precipitação em janeiro foi registado na estação meteorológica de Cabril, 549.5 mm e o menor valor na estação meteorológica de Olhão, 61.9 mm. O valor mais elevado de percentagem de precipitação em janeiro, em relação ao valor médio, 295% verificou-se em Guarda e o menor, 85 %, em Cabo Carvoeiro.

O valor da quantidade de precipitação acumulada no final do ano hidrológico 2024/2025, 422 mm, corresponde a 95 % do valor normal 1991-2020. O total acumulado no ano hidrológico está muito próximo do valor médio e inferior ao que se verificava no ano anterior, na Figura 5.

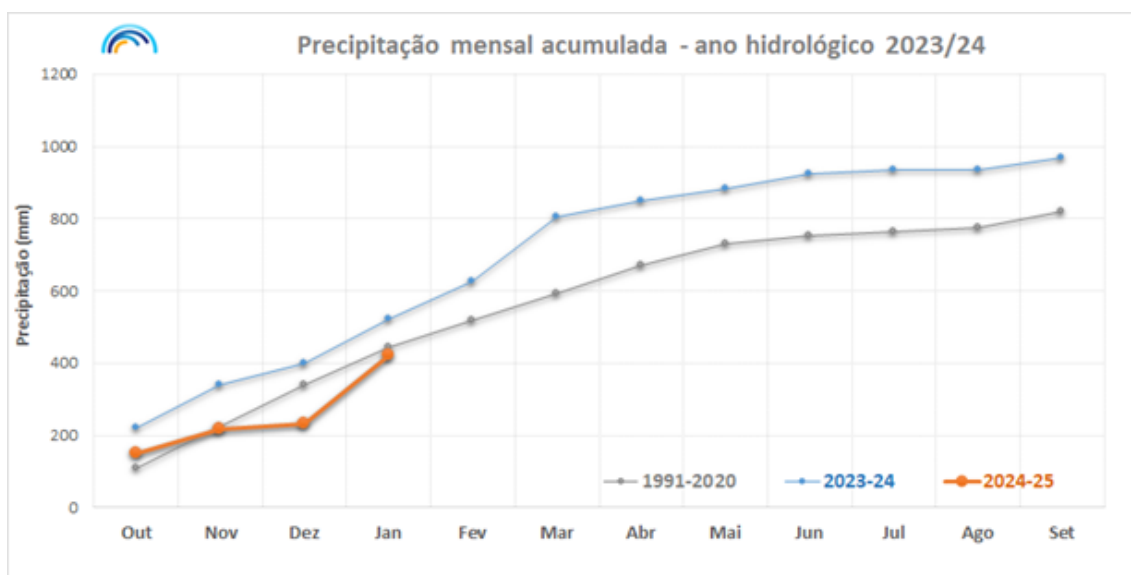


Figura 5 - Precipitação mensal acumulada nos anos hidrológicos 2023/24, 2022/23 e precipitação normal acumulada 1981-2010 (Fonte: IPMA)

Em termos espaciais, os valores da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico 2024/2025 são inferiores ao normal no litoral oeste da região Norte e Centro e em alguns locais de altitude da zona Centro, e também na metade litoral da região Sul, abrangendo ainda quase toda a região do Algarve. No restante território os valores de precipitação acumulados desde outubro estão próximos do valor médio 1971-2020 (Erro! A origem da referência não foi encontrada., direita).

Os valores de percentagem da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico, variam entre 58 % em Sagres e 147 % em Mora.

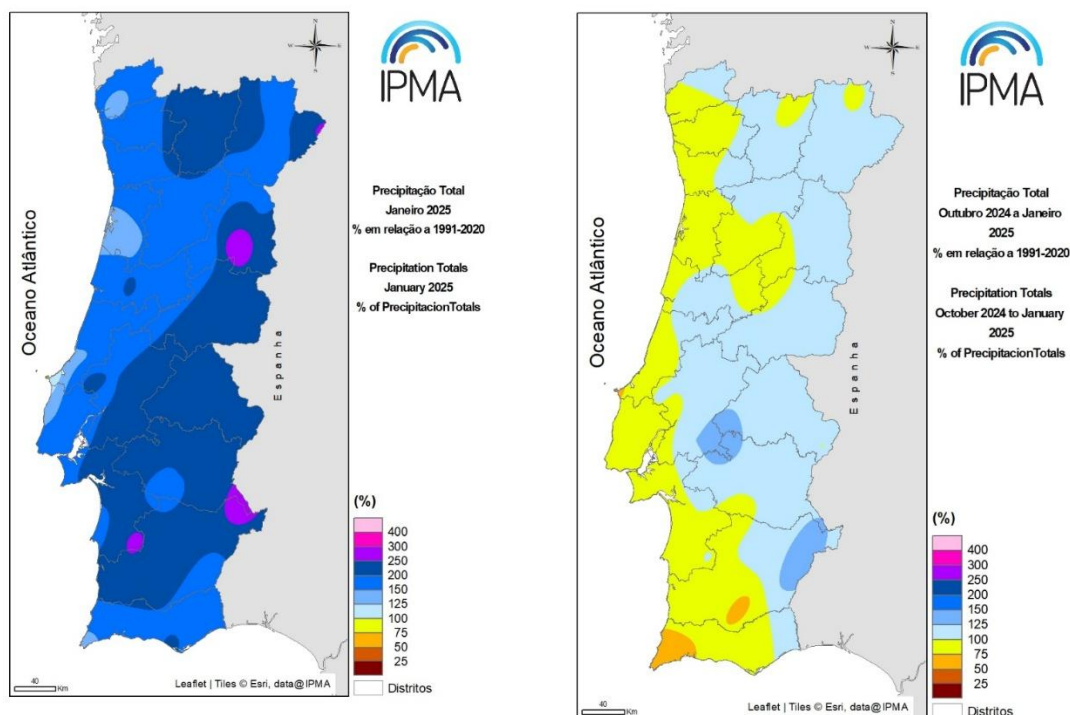


Figura 6 - Distribuição espacial da precipitação (em percentagem) em janeiro 2025 (esquerda) e no ano hidrológico (Fonte: IPMA)

2.2. Situação de Seca Meteorológica¹

Índice de Água no Solo (SMI)

Na Figura 7 apresenta-se o índice de água no solo (SMI)² a 31 dezembro 2024 e a 31 janeiro 2025.

A 31 de janeiro verificou-se um aumento dos valores de percentagem de água no solo em todo o território, com a grande parte da região Norte e Centro ao nível da capacidade de campo (saturação dos solos). De salientar a recuperação significativa dos valores de percentagem de água no solo no Alentejo e Algarve.

¹Produto *soil moisture index (SMI)* em atualização.

²Produto *soil moisture index (SMI)* do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF) considera a variação dos valores de percentagem de água no solo, entre o ponto de emurchecimento permanente (PEP) e a capacidade de campo (CC) e a eficiência de evaporação a aumentar linearmente entre 0% e 100%. A cor laranja-escuro quando $AS \leq PEP$; entre o laranja e o azul considera $PEP < AS < CC$, variando entre 1% e 99%; e azul-escuro quando $AS > CC$.

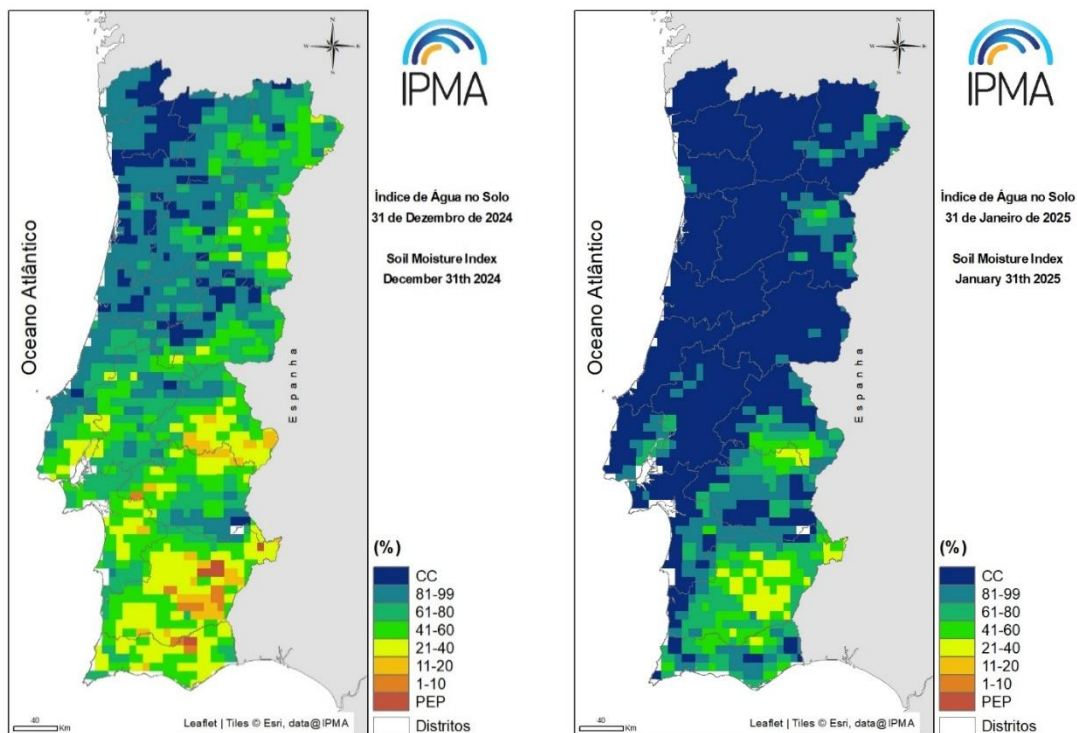


Figura 7 - Percentagem de água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 31 dezembro 2024 e a 31 janeiro 2025 (Fonte: IPMA)

Índice de Seca PDSI

De acordo com o índice PDSI³, no final de janeiro verificou-se uma diminuição significativa da área e intensidade da seca meteorológica, estando apenas a região litoral do Alentejo e o Barlavento Algarvio na classe de seca fraca.

Em termos de distribuição percentual por classes do índice PDSI no território continental, no final de janeiro verificava-se: 53.4 % na classe de chuva fraca, 40.3 % na classe normal, 6.2 % na classe de seca fraca e 0.1 % na classe de seca moderada.

Na

³ PDSI - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).

Tabela 2 apresenta-se a percentagem do território nas várias classes do índice PDSI e na Figura 8 a distribuição espacial do índice de seca meteorológica a 31 dezembro 2024 e a 31 janeiro 2025.

Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2024 e janeiro de 2025 (Fonte: IPMA)

	31 Out. 2024	30 Nov. 2024	31 Dez 2024	31 Jan 2025
<i>Chuva extrema</i>	0.0	0.0	0.0	0.0
<i>Chuva severa</i>	1.9	0.0	0.0	0.0
<i>Chuva moderada</i>	6.0	0.9	0.0	0.0
<i>Chuva fraca</i>	28.5	11.3	1.1	53.4
<i>Normal</i>	44.9	79.5	44.1	40.3
<i>Seca Fraca</i>	18.7	8.2	45.7	6.2
<i>Seca Moderada</i>	0.0	0.1	8.9	0.1
<i>Seca Severa</i>	0.0	0.0	0.2	0.0
<i>Seca Extrema</i>	0.0	0.0	0.0	0.0

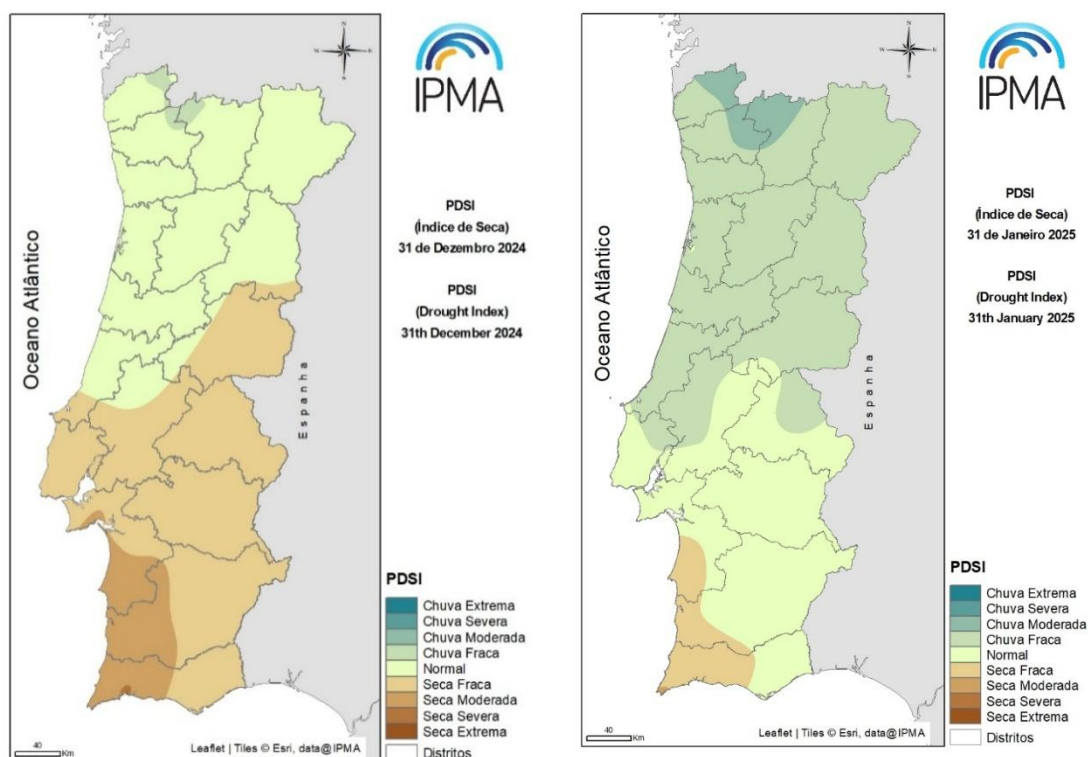


Figura 8 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica a 31 de dezembro 2024 e a 31 de janeiro 2025 (Fonte: IPMA)

Índice de seca SPI

O índice SPI (*Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação*) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais⁴, que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água.

Na Figura 9 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de janeiro para as principais bacias hidrográficas do território (valor médio por bacia). Verificou-se uma diminuição da área em seca em todas as escalas temporais, em especial no SPI 6 e 9 meses:

- Na escala temporal mais curta, SPI 3 meses, apenas as bacias Ribeiras do Oeste e Ribeiras do Algarve estão também em seca, na classe fraca.
- No SPI 6 meses e 9 meses, diminuição significativa da área em seca, no SPI 6M apenas a bacia Ribeiras do Algarve está em seca fraca e no SPI 9M, as bacias do Sado e Mira estão na classe de seca fraca e a bacia Ribeiras do Algarve está na classe de seca moderada.
- Na escala mais longa, SPI 12 meses nenhuma bacia está seca.

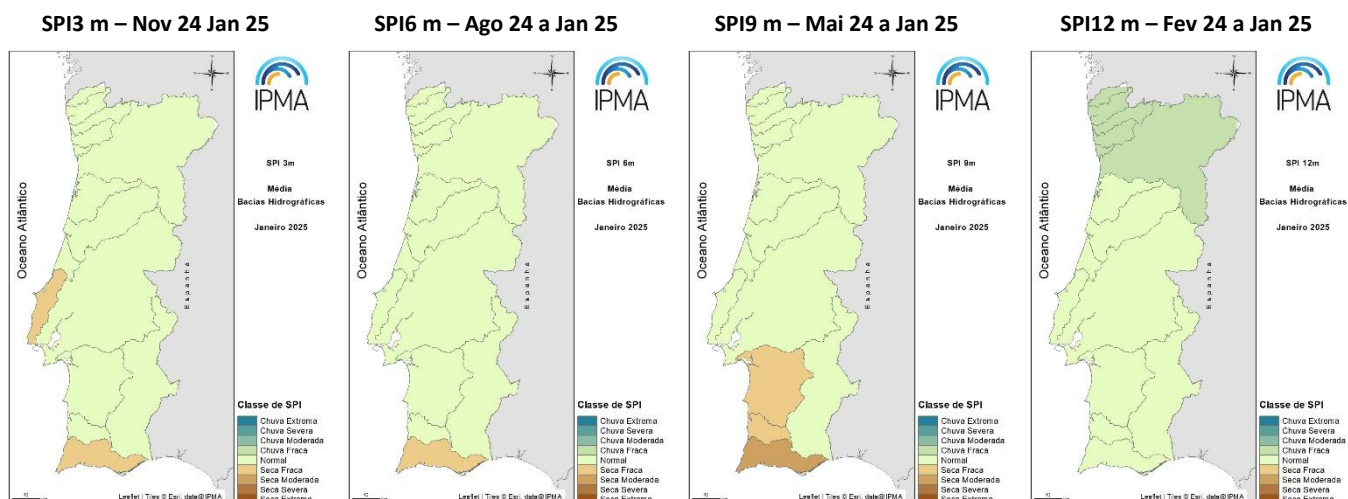


Figura 9 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de janeiro 2025 (Fonte: IPMA)

⁴ As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

2.3. Evolução até ao final do mês

A evolução da situação de seca para o mês seguinte baseia-se na estimativa do índice PDSI, para cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação. Assim, tendo em conta a situação no final de janeiro, consideram-se os seguintes cenários para a precipitação em fevereiro, Figura 10:

Cenário 1 (2º decil – D2) - Valores da quantidade de precipitação inferiores ao normal (valores inferiores ocorrem em 20 % dos anos): aumento da área em seca meteorológica que se estende a toda a região Sul, predominando as classes de seca fraca e moderada.

Cenário 2 (5º decil – D5) – Valores da quantidade de precipitação próximos do normal: situação idêntica a 31 de janeiro.

Cenário 3 (8º decil – D8) – Valores da quantidade de precipitação superiores ao normal (valores superiores ocorrem em 20 % dos anos): nenhuma região está em seca meteorológica e verifica-se um aumento da área das classes de chuva.

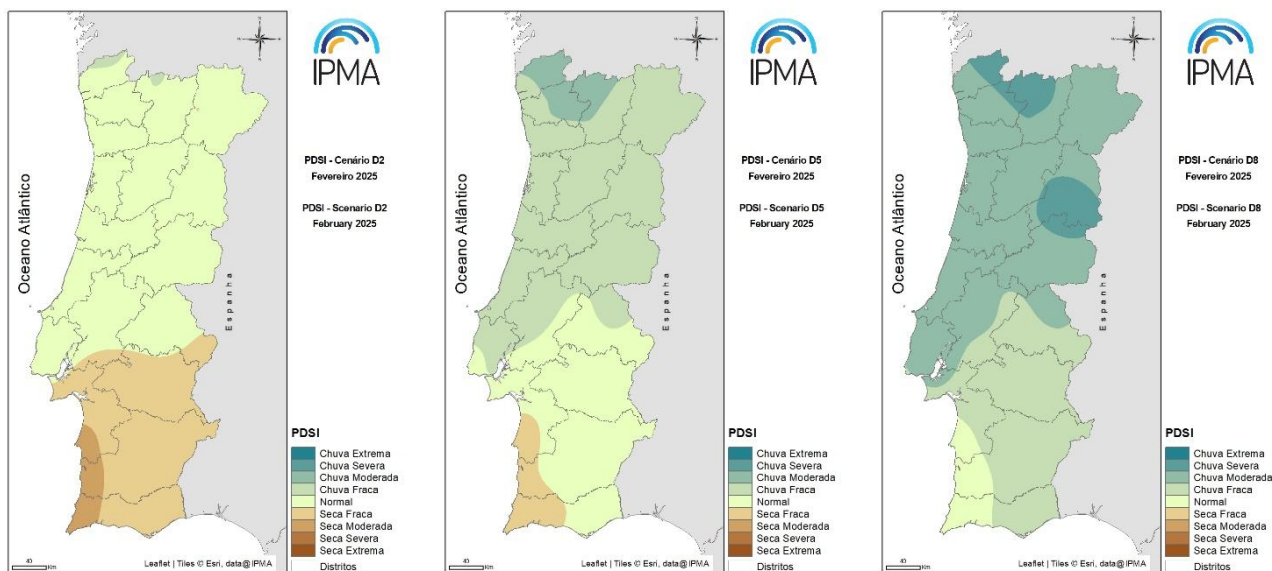


Figura 10 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de fevereiro de 2025 (Fonte: IPMA)

Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)⁵:

⁵ <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensual/index.jsp?page=prev-182015.html>

Segundo a previsão a médio e longo prazo⁶, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- Semana 17/02a 23/02 - **Anomalia positiva**: valores acima do normal (+10 a +90 mm) para todo o território.
- Semana 24/02 a 02/03 - **Anomalia positiva**: valores acima do normal (+1 a +60 mm) para todo o território.

Tendo em conta a previsão para as próximas semanas, é expectável que no final de fevereiro haja uma nova diminuição da situação de seca meteorológica na região Sul.

⁶ De referir que as previsões meteorológicas de médio e longo prazo assumem um carácter probabilístico, não podendo, por isso, ser admitidas com elevado grau de rigor determinístico e devendo ser continuamente revistas.

3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

A 31 de janeiro de 2025 e comparativamente ao último dia do mês anterior, nas bacias hidrográficas analisadas, verificou-se uma subida em todas as bacias com informação, Figura 11.

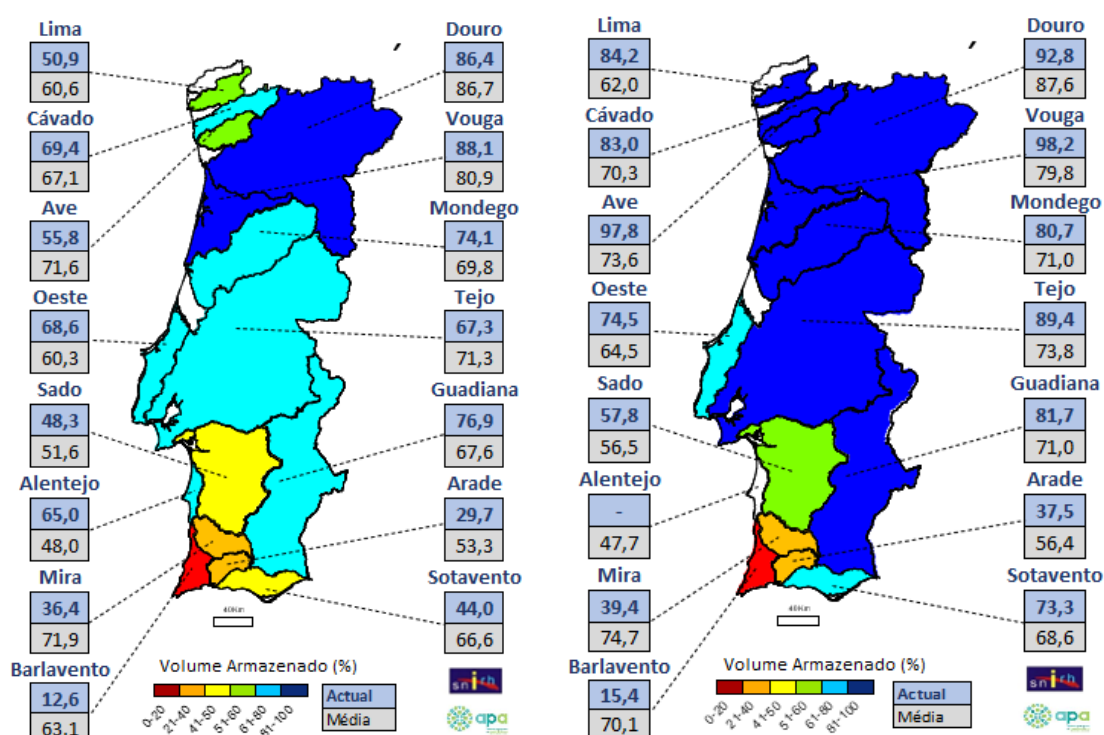


Figura 11 - Situação das albufeiras em dezembro de 2024 (esquerda) e em janeiro de 2025 (direita) (Fonte: APA)

Os armazenamentos em 31 de janeiro de 2025 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de janeiro (1990/91 a 2022/23), **com exceção** das bacias hidrográficas do Mira, do Arade e das Ribeiras do Algarve (Barlavento).

Na Figura 12 é possível observar que as bacias hidrográficas estão acima dos valores observados em janeiro de 2024, com exceção das bacias do Cávado e das Ribeiras do Oeste.

A intensa precipitação registada permitiu um aumento nos volumes armazenados, sobretudo nas Ribeiras do Algarve (Sotavento), onde o volume armazenado é superior à média de referência. No entanto, continuam-se a destacar as situações onde esse afastamento é mais significativo:

- **Mira** - Armazenamento é inferior à média de referência, mas superior ao período homólogo em 2024;
- **Arade** - Armazenamento é inferior à média de referência, mas superior ao período homólogo em 2024;

- **Barlavento** - Armazenamento é significativamente inferior à média de referência, mas superior ao período homólogo em 2024;

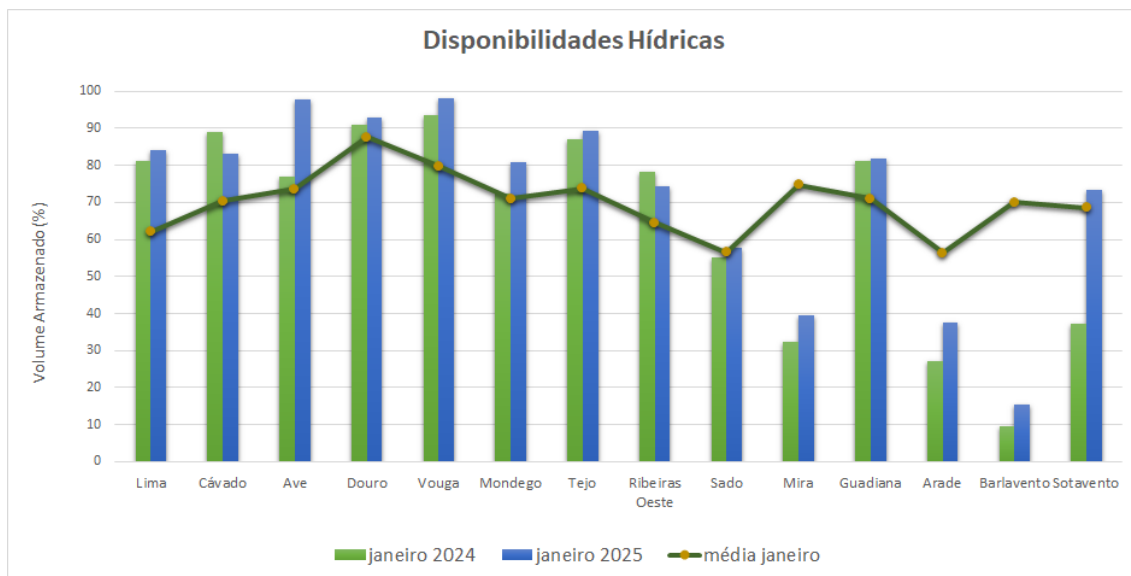
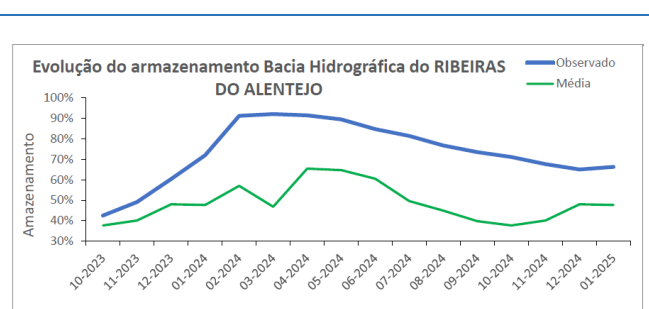
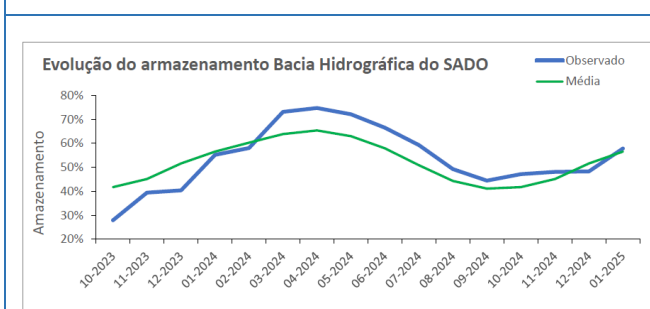
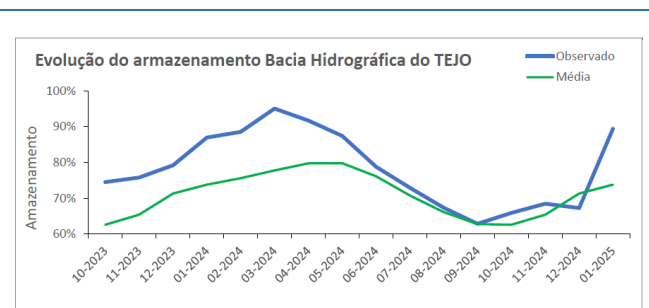
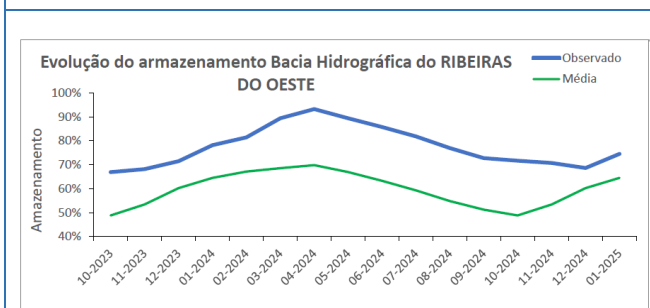
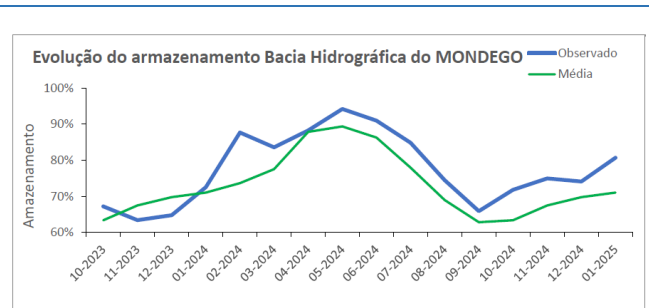
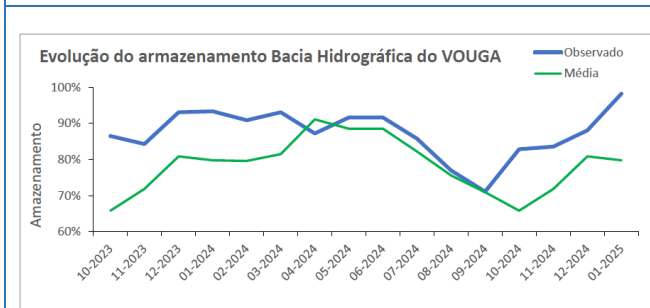
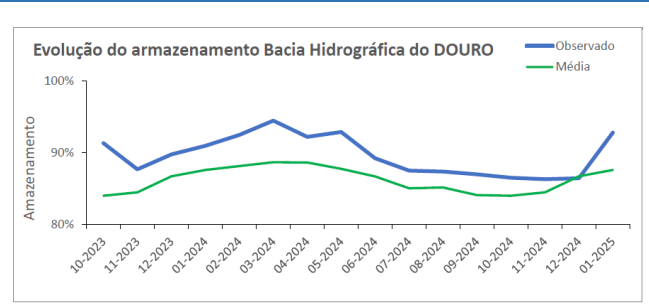
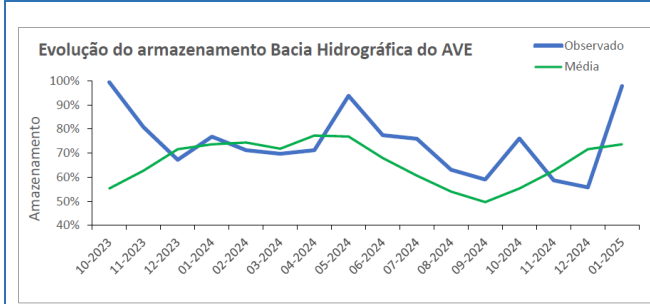
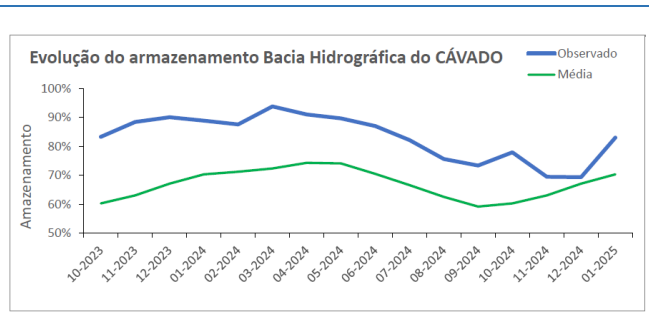
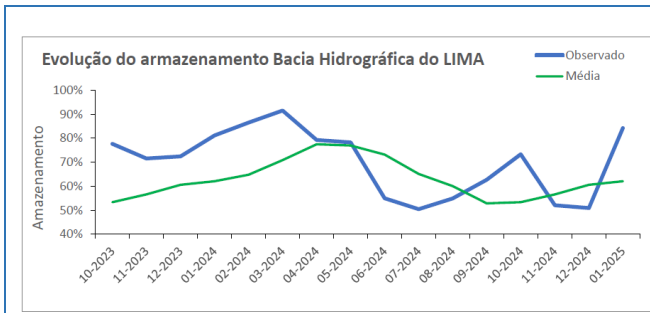


Figura 12 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de janeiro de 2024 e de 2025 (Fonte: APA).

Das 79 albufeiras monitorizadas em 31 de janeiro de 2025, 50 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e 8 têm disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total. As albufeiras que apresentam volumes totais inferiores a 40% localizam-se:

- Bacia do Sado – Monte da Rocha (13,4%) e Campilhas (23,9%);
- Bacia do Mira – Santa Clara (39,3%);
- Bacia do Guadiana – Vigia (29,6%);
- Bacia do Arade – Arade (17,2%) e Odelouca (38,4%);
- Bacia do Barlavento – Bravura (15,4%).

Na Figura 13 é possível observar a evolução do volume armazenado por bacia hidrográfica desde outubro de 2023 até dia 31 do mês de janeiro de 2025. As bacias do sul do país saíram da situação de seca meteorológica, com exceção das Ribeiras do Algarve (Barlavento) e do Arade. Na bacia do **Mira** os volumes armazenados mantêm-se muito abaixo da média histórica, com a albufeira de Santa Clara a ser explorada, desde 2019, abaixo do volume morto; nas **Ribeiras do Algarve (Barlavento)** as reservas hídricas apresentam-se muito reduzidas, sendo que esta condição persiste desde o ano hidrológico de 2017/18, seis anos consecutivos. No entanto, face à intensa precipitação ocorrida a bacia do **Sotavento** teve uma recuperação muito relevante, pois o volume armazenado é superior à média de referência.



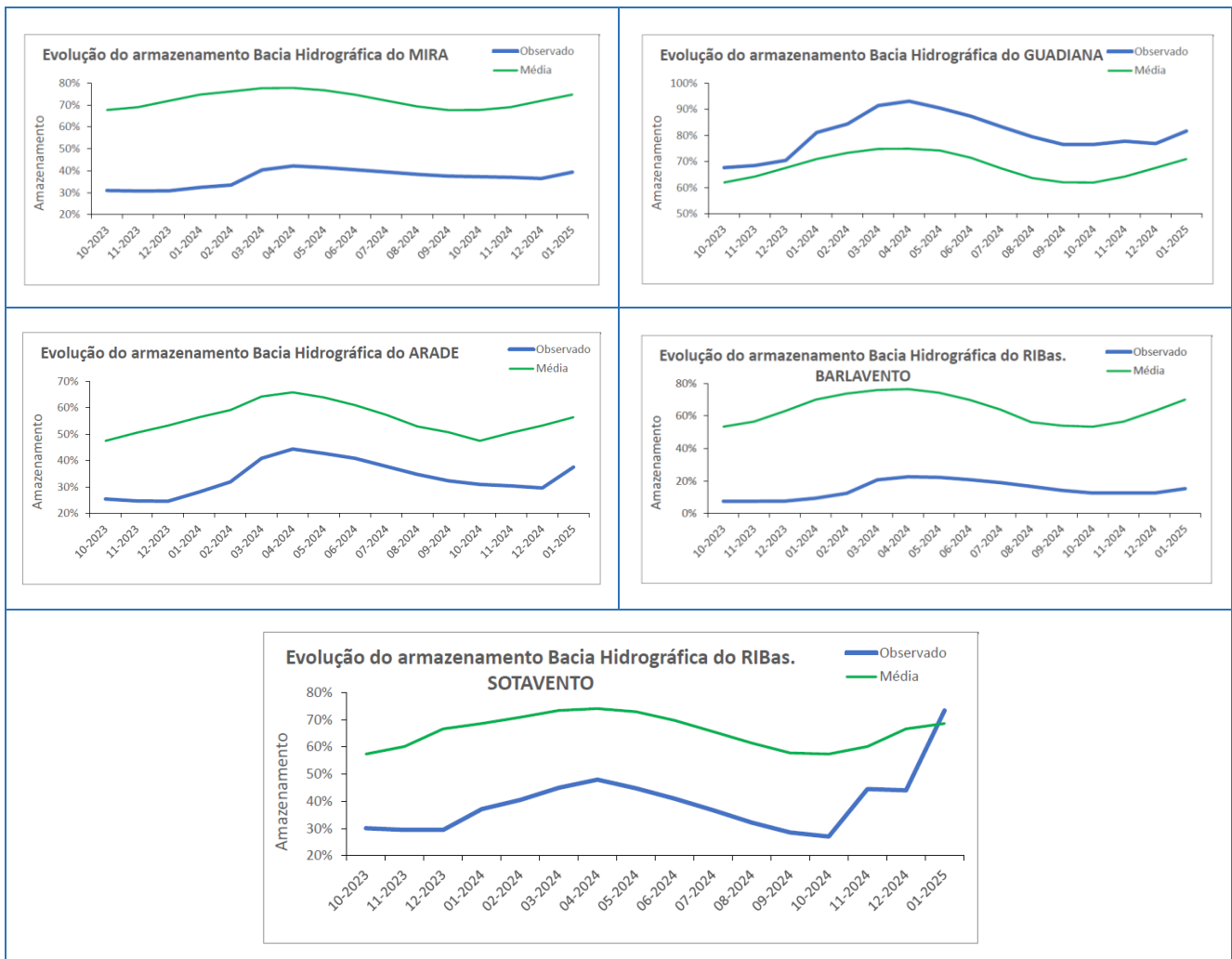


Figura 13 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2023 até 31 de janeiro de 2025, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)

Pela relevância que assume na gestão dos recursos hídricos em Portugal, no que se refere às disponibilidades hídricas a 31 de janeiro de 2025 armazenadas nas albufeiras na parte espanhola das bacias hidrográficas são:

- Bacias hidrográficas do **Minho e Lima Espanha** – 75,1% (em dezembro era de 55,7%);
- Bacia hidrográfica do **Douro Espanha** – 72,5% (em dezembro era de 63,6%);
- Bacia hidrográfica do **Tejo Espanha** – 64,6% (em dezembro era de 54,0%);
- Bacia hidrográfica do **Guadiana Espanha** – 46,6% (em dezembro era de 41,2%).

Os volumes totais armazenados nas bacias espanholas subiram significativamente em todas as bacias internacionais.

3.1. Situação de Seca Hidrológica

Conforme estabelecido no “Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca”, aprovado a 19 de julho de 2017, pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca, criada através da RCM n.º 80/2017, de 7 de junho, a avaliação da seca hidrológica é feita em quatro momentos do ano hidrológico: 31 de janeiro, 31 de março, 31 maio e 30 de setembro.

Os níveis de seca hidrológica definidos no referido plano foram definidos tendo por base as séries de dados de volumes armazenados, por bacia hidrográfica, considerando o período entre 1992/93 a 2022/23. Contudo, as atuais condições das reservas hídricas superficiais não são as mesmas, os padrões de precipitação têm vindo a alterar-se e os usos são igualmente diferentes. Neste contexto, procedeu-se à atualização dos níveis de seca hidrológica, cuja metodologia se descreve no Anexo I.

Assim e de acordo com a nova metodologia, na avaliação realizada em 31 de janeiro de 2025, verificou-se que o nível de seca hidrológica sofreu alterações muito significativas na maioria das bacias hidrográficas a Norte do rio Tejo, face à intensa precipitação ocorrida, Figura 14. Sendo que:

- a) As bacias do Lima, do Cávado, do Ave, do Vouga, do Mondego e do Tejo– passaram para o nível Húmido;
- b) A bacia do Sotavento atingiu o nível de seca fraca.

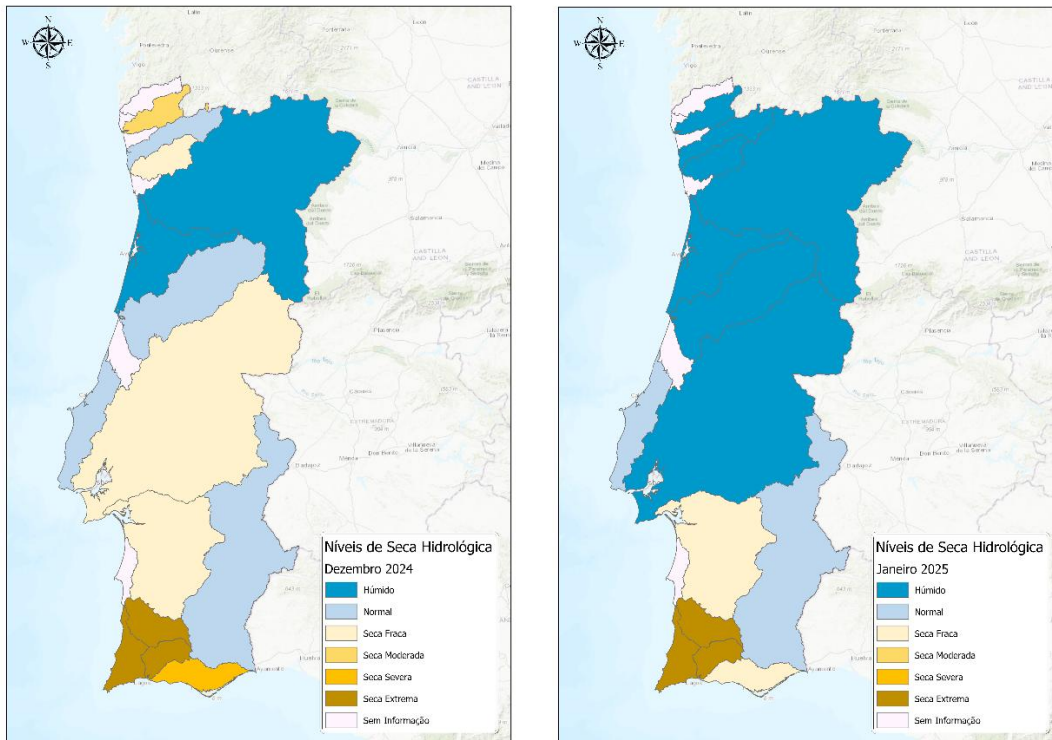
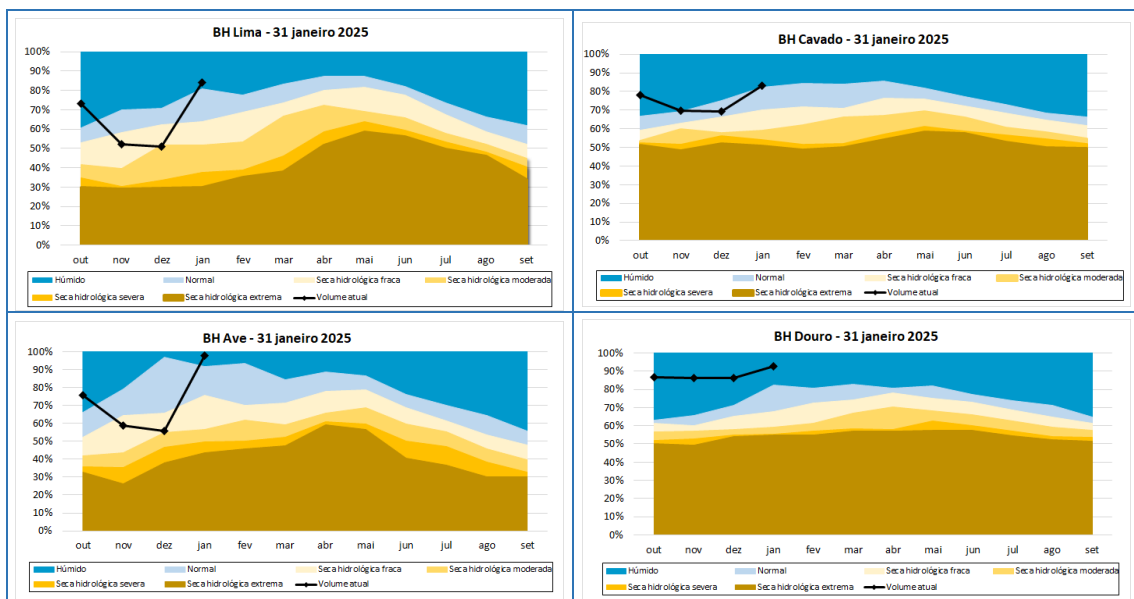


Figura 14 - Níveis de seca hidrológica no mês de dezembro de 2024 (esquerda) e em janeiro de 2025 (direita) (Fonte: APA)

Na avaliação da evolução do nível de seca hidrológica no início do ano hidrológico de 2024/25 pode observar-se na Figura 15, que as bacias do **Mira**, do **Arade** e das **Ribeiras do Algarve (Barlavento)** continuam em seca extrema, abaixo do percentil 5 da série histórica, desde o início do ano hidrológico.



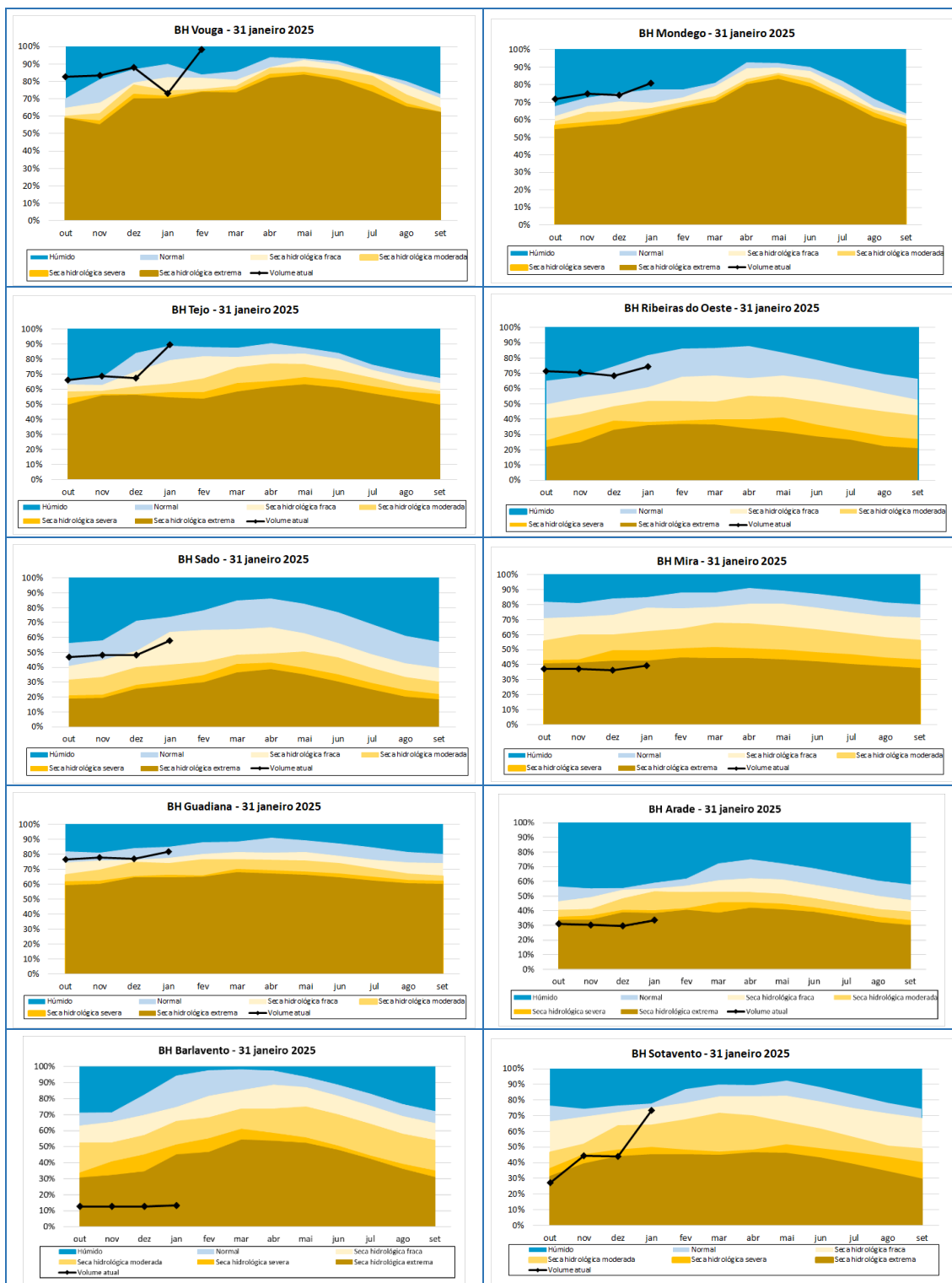


Figura 15 - Nível de armazenamento em janeiro de 2025 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de janeiro (Fonte: APA)

3.2. Disponibilidades hídricas versus necessidades

Na albufeira do **Monte da Rocha**, na bacia do Sado e sem ligação ao Alqueva, os volumes armazenados estão baixos, mas permitem garantir o abastecimento público nos próximos dois

anos, no total de 3 000 dam³. Na Figura 16 observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1990/91 a 2022/23, que ilustra bem a situação crítica referida. A albufeira apresenta um volume de armazenamento total de 14 045 dam³. Considerando que o volume morto é de 5 000 dam³ o volume útil disponível a 31 de janeiro é de 9 045 dam³.

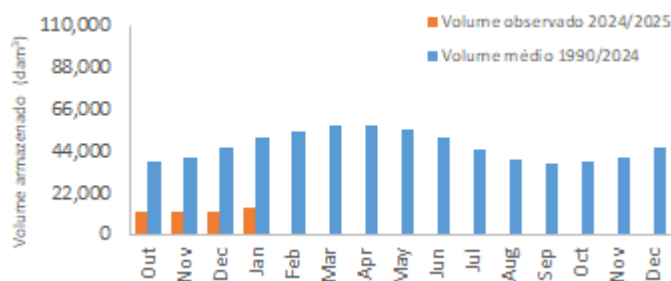


Figura 16- Volumes armazenados desde outubro de 2024 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)

Atendendo aos volumes armazenados até esta altura na albufeira do Monte da Rocha e com a obrigação de garantir o armazenamento do volume necessário para dois anos de abastecimento (cerca de 3 hm³), na área abastecida por esta albufeira no aproveitamento hidroagrícola do Alto Sado, considerou-se o cenário com um consumo de cerca de 60% dos valores médios captados entre 2012-2017 (cerca 10 hm³). Para este cenário a evolução dos níveis da albufeira são os representados na Figura 17, que ilustra a estimativa de variação dos volumes observados atendendo aos consumos simulados e tendo por base um cenário conservador, ou seja, sem precipitação significativa.

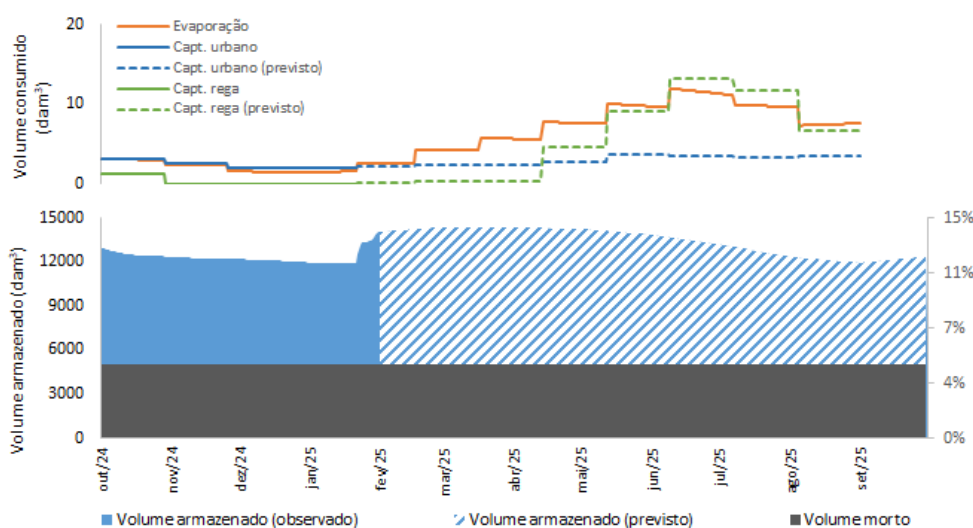


Figura 17 - Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Monte da Rocha considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2025 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano). (Fonte: APA)

A albufeira da **Bravura** na bacia das Ribeiras do Algarve (Barlavento) continua em situação crítica, apesar de ter melhorado face ao ano anterior, observando-se na Figura 18 o afastamento dos volumes armazenados relativamente à média, calculada para o período 1959/2023. A albufeira apresenta um volume total de armazenamento de 5 355 dam³, considerando que o volume morto é de 2 500 dam³, o volume útil disponível a 31 de janeiro é de 2 855 dam³.

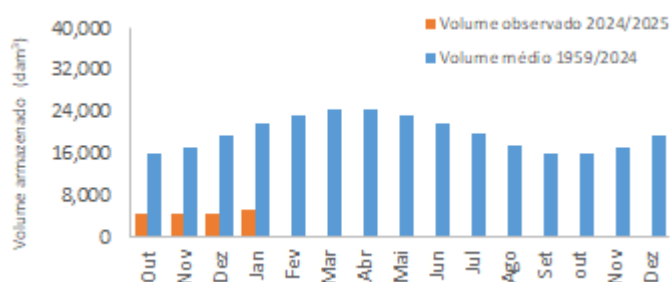


Figura 18 - Volumes armazenados desde outubro de 2024 e a média, na albufeira da Bravura (Fonte: APA).

Na Figura 19 ilustra-se a estimativa de variação dos volumes observados considerando valores de consumos semelhantes a 2019 e tendo por base um cenário conservador, ou seja, sem precipitação significativa.

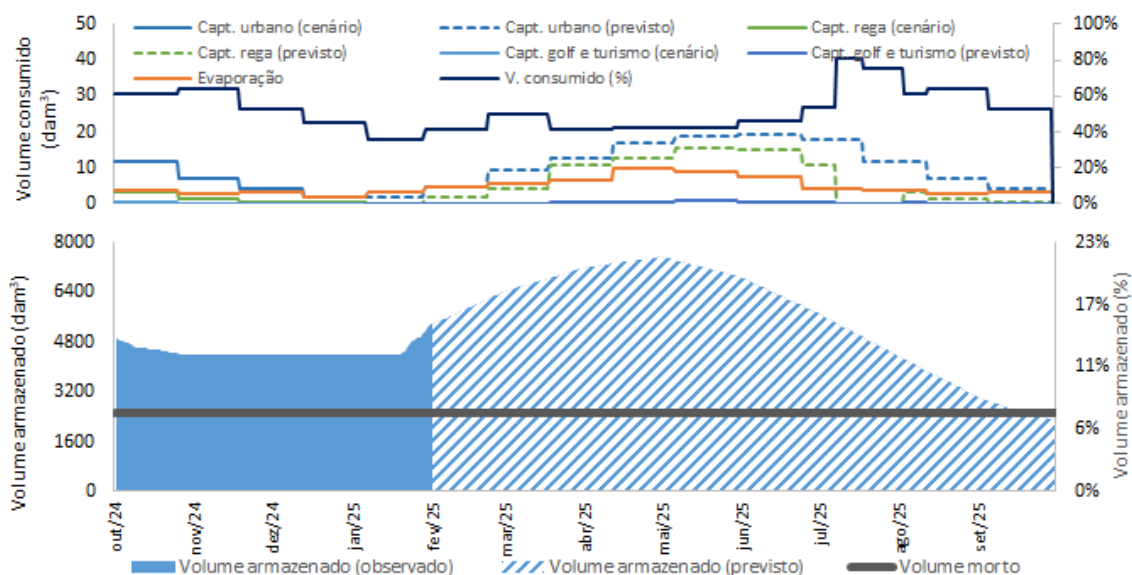


Figura 19- Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira da Bravura considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2025 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano) (Fonte: APA)

Na albufeira de Santa Clara, localizada na bacia do Mira, desde 2019 que se está a utilizar o volume armazenado abaixo do nível mínimo de exploração. Em 2023 foram atingidos os níveis

mais baixos de armazenamento total. O Acordo da Água assinado em março de 2023, entre a APA, DGADR, Águas Públicas do Alentejo, Associação Beneficiários do Mira e Câmara Municipal de Odemira, refere a necessidade de estabelecer compromissos dos principais utilizadores visando uma gestão sustentável da água no aproveitamento hidráulico, muito concretamente que, no prazo de cinco anos, seja possível recuperar um modelo de gestão sustentável à cota 116 m. Foi ainda acordado que até à cota 104 m a exploração seria feita para fins múltiplos e a partir desta cota e até à cota 102 m esse volume ficaria reservado para o abastecimento público. A cota da albufeira no final de janeiro estava nos 109,79 m, Figura 20.

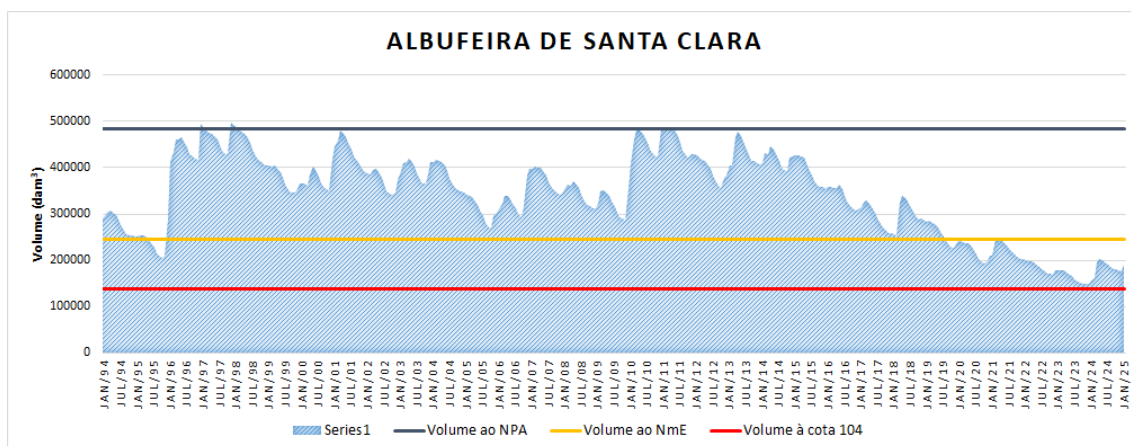


Figura 20 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/01/2025)
(Fonte: APA)

Foram ainda definidas medidas para promover a eficiência da água no setor urbano em baixa (redução de 50% das perdas) e no setor agrícola (redução de 30% de perdas), bem como desenvolver o projeto que permita implementação de um novo sistema de captação na albufeira de Santa Clara, adução e tratamento de água para consumo humano dedicado, em substituição do atual com origem nos canais de rega.

Na região do Algarve os níveis de armazenamento nas seis albufeiras, com maior capacidade de regularização, continuam muito abaixo da média, com exceção de Odeleite e Beliche, Figura 21. A situação nesta região é crítica, apesar da precipitação observada, sendo que o volume armazenado está aquém das necessidades existentes para o ano hidrológico 2024/25.

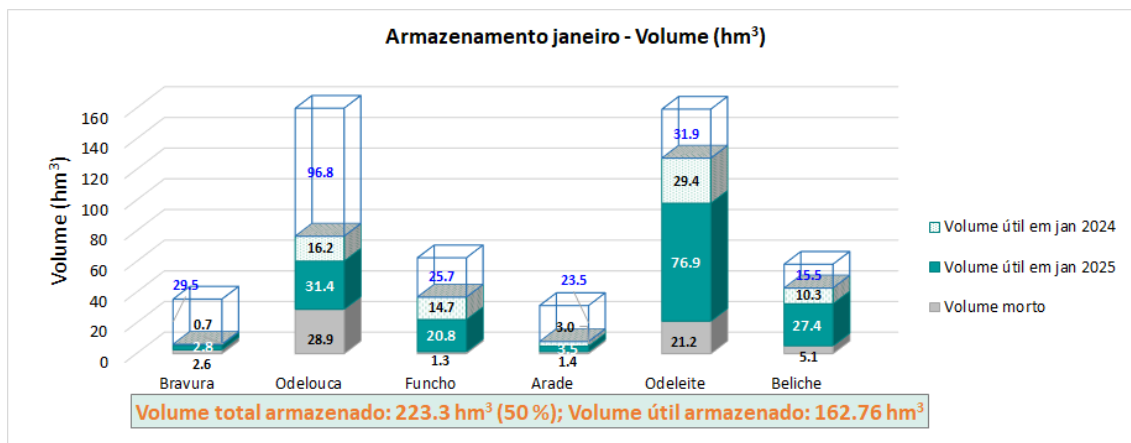


Figura 21 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 31 de janeiro de 2025 e comparação com os valores de armazenamento observados a 31 de janeiro de 2024 (Fonte: APA)

É importante continuar a implementar medidas de racionalização e de uma gestão com maior parcimónia da água, diminuindo drasticamente a captação de água natural e recorrer a origens alternativas, já que o seu custo será inferior aos custos associados de não haver água.

4. Águas Subterrâneas

4.1. Comparação com o mês anterior

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de dezembro e janeiro do ano hidrológico 2024-2025, Figura 22.

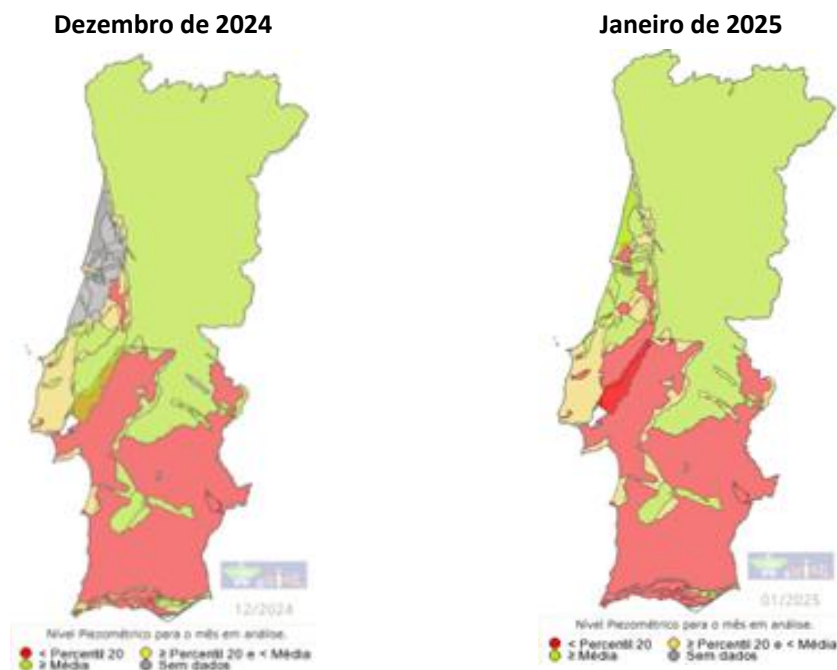


Figura 22 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre dezembro de 2024 (esquerda) e janeiro de 2025 (direita) (Fonte: APA).

Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que ocorreu um agravamento nas Orla Meridional e Ocidental bem como na zona do Tejo. Nas restantes regiões, a situação mantém-se, praticamente, inalterada. Relativamente às situações mais preocupantes, nas massas de água Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda, Moura-Ficalho e nas que se situam na Orla Meridional, os níveis continuam a apresentar valores, significativamente, inferiores à média.

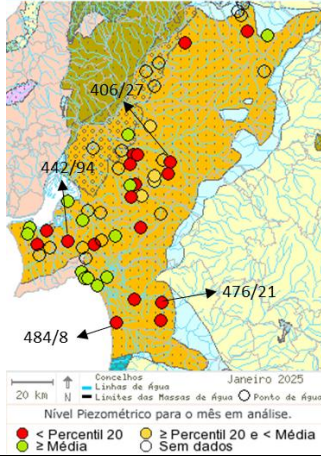
4.2. Análise dos níveis piezométricos

Atendendo aos dados disponíveis no mês de janeiro de 2025, constata-se que os níveis piezométricos em **350 pontos observados em 60 massas de água subterrânea** se apresentam, na generalidade, inferiores às médias mensais. No entanto, nas seguintes massas de água, os **níveis piezométricos encontram-se significativamente inferiores aos valores médios mensais**:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos - Caranguejeira Sicó – Alvaiázere Viso - Queridas Verride
Tejo e Ribeiras do Oeste	Aluviões do Tejo Bacia do Tejo-Sado / Margem Direita Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Cesareda Maceira Pisões – Atrozela Torres Vedras
Sado e Mira	Maciço Antigo Indiferenciado do Sul
Guadiana	Maciço Antigo Indiferenciado do Sul Moura – Ficalho
Ribeiras do Algarve	Albufeira – Ribeira de Quarteira Almádena – Odeáxere Almansil - Medronhal Covões Campina de Faro Ferragudo – Albufeira Indiferenciado da Orla Meridional Maciço Antigo Indiferenciado do Sul Mexilhoeira Grande - Portimão Quarteira Querença – Silves São João da Venda - Quelfes

Apresenta-se, seguidamente, um detalhe da evolução dos níveis de água subterrânea nas massas de água que merecem maior preocupação. Destacam-se, para o mês em análise, as massas de água da Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda (bacia do Tejo e Sado), Moura-Ficalho (bacia do Guadiana), Querença-Silves e Campina de Faro (bacia das ribeiras do Algarve), onde os níveis de água subterrânea não têm conseguido recuperar, indiciando o impacte das extrações existentes nas mesmas. Importa, ainda, referir que os níveis de água subterrânea do mês em análise são comparados com o nível registado durante a seca de 2005, considerada, até ao momento, o período de seca mais severa.

Massa de água: **Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda**



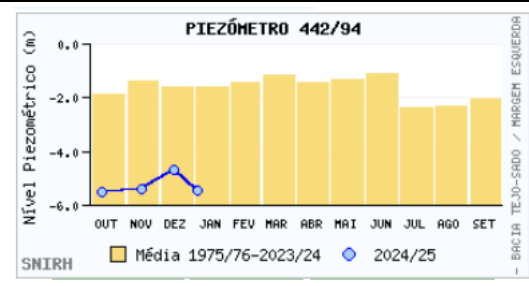
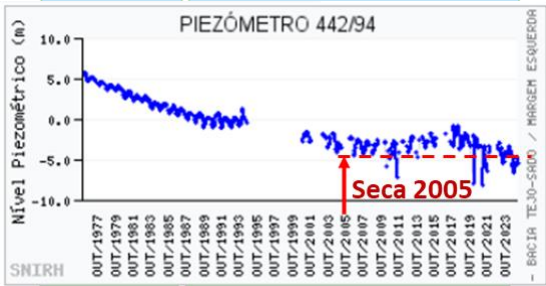
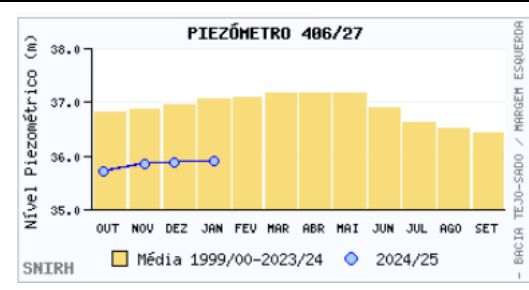
No mês em análise, os níveis de água subterrânea, nas estações monitorizadas, permanecem significativamente baixos e inferiores ao percentil 20.

Ao longo do tempo, os níveis piezométricos mantêm-se inferiores aos níveis da seca de 2005, sendo a situação das águas subterrâneas, no corrente ano hidrológico, mais grave que no ano de 2005 e, significativamente, mais desfavorável que na seca de 2022. Contudo, neste ano hidrológico, observa-se uma ligeira tendência de recuperação em alguns dos piezômetros, sendo mais evidente nos da bacia do Sado.

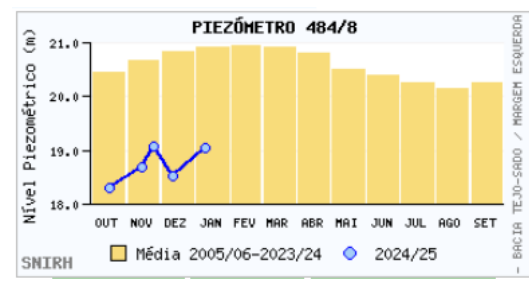
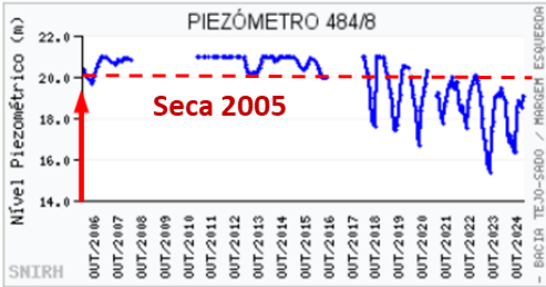
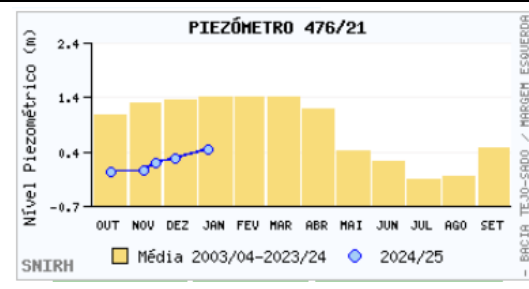
Série geral

Ano hidrológico 2024/25

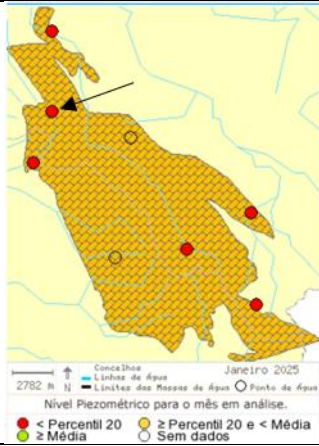
Bacia do Tejo



Bacia do Sado



Massa de água: **Moura-Ficalho**

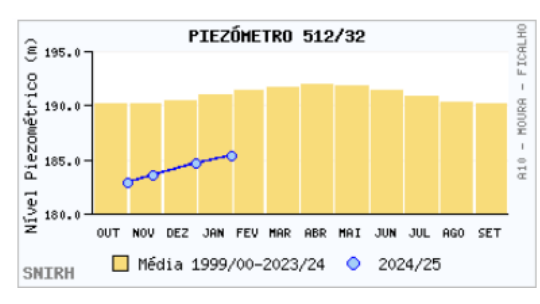
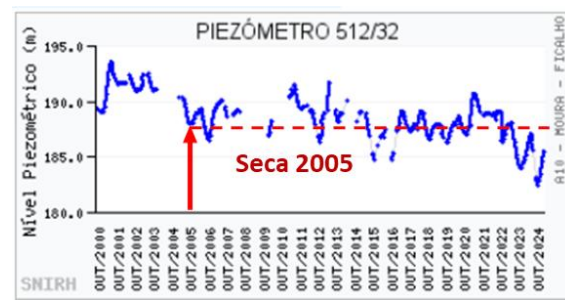


No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20, em todas as estações desta massa de água.

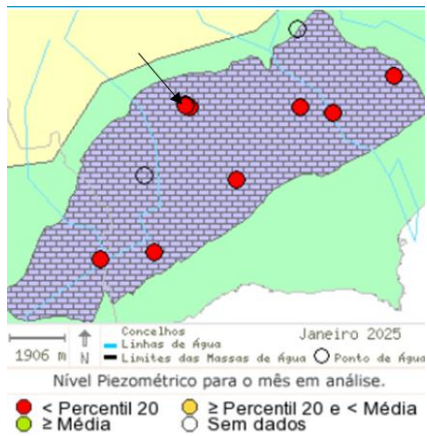
Os níveis piezométricos nunca recuperaram desde a seca de 2017, encontrando-se abaixo dos registados na seca de 2005, indiciando extrações elevadas nesta massa de água. Também se observa uma ligeira tendência de recuperação, neste ano hidrológico.

Série geral

Ano hidrológico 2024/25



Massa de água: **Almádena-Odeáxere**

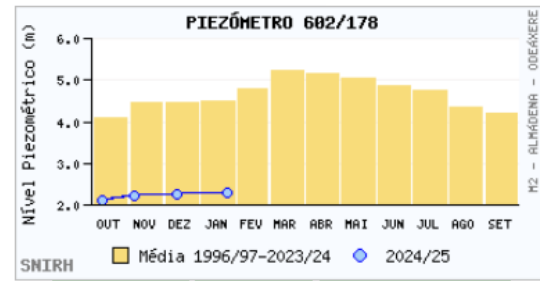
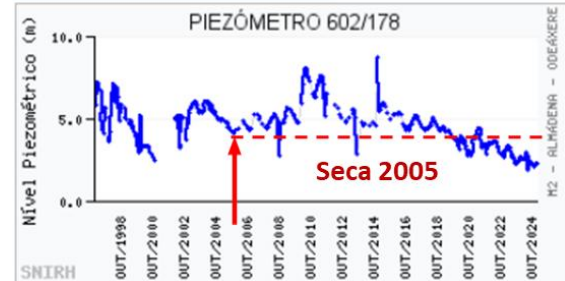


No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20, nas diversas estações de monitorização.

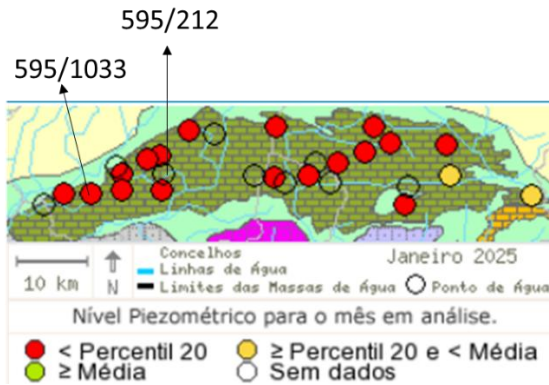
A situação no corrente ano hidrológico é mais grave que na seca de 2005 e os níveis estão a aproximar-se do nível médio da água do mar.

Série geral

Ano hidrológico 2024/25



Massa de água: **Querença-Silves**

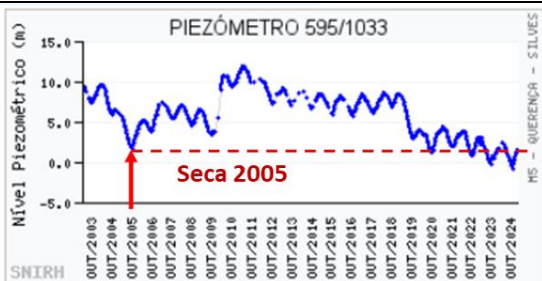


No corrente mês, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20 nas zonas central e oeste. A zona este apresenta indícios de recuperação, resultantes dos eventos pluviosos que ocorreram durante o anterior ano hidrológico, e no início do corrente, e por ser uma zona com menor extração, em relação com os restantes setores.

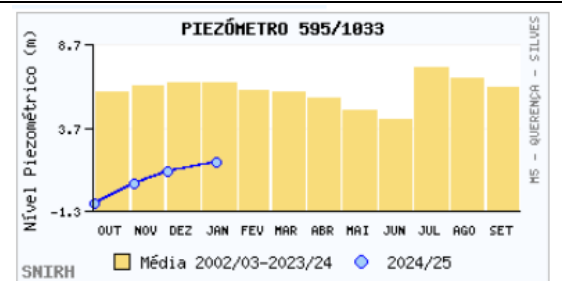
Contudo, a situação no presente ano hidrológico é mais desfavorável que na seca de 2005 e, significativamente, mais grave que na seca de 2022. Os níveis encontram-se iguais, ou mesmo inferiores, ao nível médio da água do mar na zona de jusante da massa de água.

Nesta massa de água, observa-se, igualmente, uma ligeira tendência de recuperação, neste ano hidrológico.

Série geral



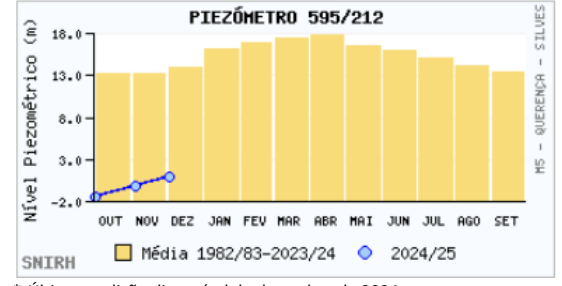
Ano hidrológico 2024/25



Série geral

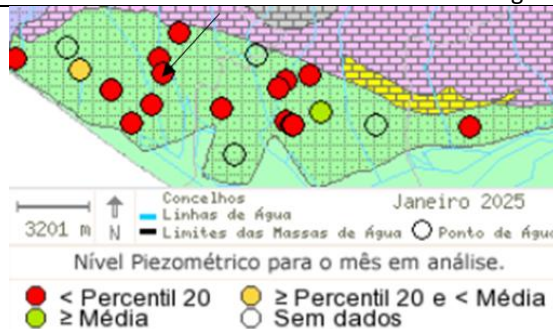


Ano hidrológico 2024/25



* Última medição disponível de dezembro de 2024

Massa de água: **Campina de Faro**

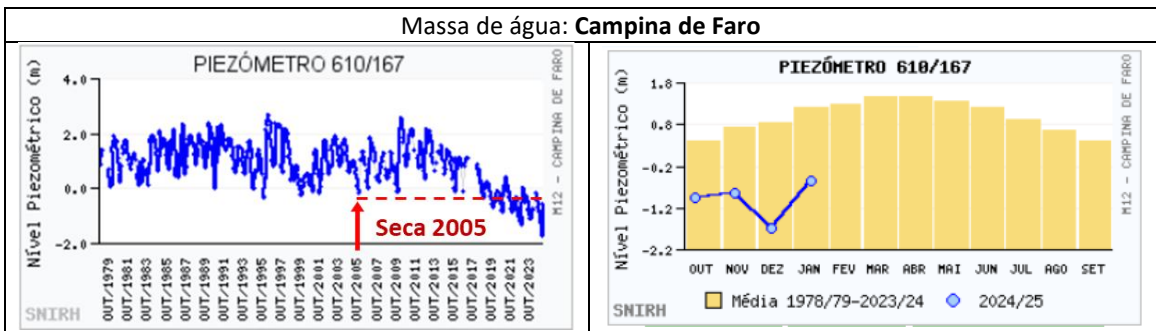


As águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20 do mês em análise.

Os níveis piezométricos que revelam no mês em análise um início de recuperação, contudo, os valores continuam negativos, inferiores ao nível médio da água do mar, indiciando problemas de intrusão salina.

Série geral

Ano hidrológico 2024/25



4.3. Massas de água em situação crítica

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que existe um grupo de massas de água que devem ser colocadas em situação crítica, pois desde o início do ano hidrológico 2018-2019 que registam níveis muito baixos, continuando sem recuperar. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistem, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, **níveis inferiores ao percentil 20**, pelo que urge continuar a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca. Neste contexto, as massas de água em **situação crítica** são as seguintes:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Ourém
Sado e Mira	Sines
Guadiana	Moura-Ficalho
Ribeiras do Algarve	Albufeira - Ribeira de Quarteira Almádena – Odeóxere Almansil – Medronhal Campina de Faro – Subsistema Faro Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo Covões Ferragudo - Albufeira Malhão Mexilhoeira Grande – Portimão Peral-Moncarapacho Quarteira Querença - Silves São João da Venda - Quelfes

Face ao mês anterior, dezembro de 2024, não há alteração na lista das massas de água em situação crítica.

4.4. Massas de água em vigilância

Atendendo a que os eventos pluviosos, ao longo do anterior ano hidrológico e início deste, ainda não se refletiram na recarga de diversas massas de água, permanecem algumas em **vigilância**, isto é, que merecem especial atenção, nomeadamente:

- **Todas as MA das Bacias do Guadiana, Sado, Mira e das Ribeiras do Algarve;**
- Bacia de Alvalade (bacia do Rio Sado);
- Vieira de Leiria – Marinha Grande (bacia do Lis).

Considera-se que as massas de água acima identificadas, ou as massas de água que nos últimos meses registam níveis de água subterrânea baixos, devem permanecer em vigilância, em especial nas bacias hidrográficas do Alentejo e Algarve. Comparando com o mês anterior, não há alteração na lista das massas de água em vigilância.

4.5. Apreciação geral

Com o início do ano hidrológico 2024/2025 e tendo em conta a precipitação que ocorreu em alguns meses do ano hidrológico anterior, com especial destaque para as zonas a norte do Tejo, algumas das massas de água registaram uma melhoria nos níveis piezométricos. Relativamente a outras massas de água que apresentam indícios de uma recuperação dos níveis, é preciso prudência e aguardar pela evolução dos níveis piezométricos no presente ano hidrológico, pois a melhoria pode ser aparente, atendendo a que as extrações se mantêm e, embora no presente mês, janeiro, tenha ocorrido precipitação significativa, ainda não se refletiu na maior parte das massas de água subterrânea.

Observa-se, ainda, que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, nunca conseguiram recuperar, não obstante os eventos pluviosos ocorridos ao longo do ano hidrológico que terminou e início do atual, continuando a registar-se níveis significativamente baixos.

De referir que **a situação mais preocupante se mantém nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho e na região do Algarve**, que se encontram em situação crítica, até que ocorra uma recarga eficaz, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem muito baixos. Em algumas delas, os níveis encontram-se próximo do nível médio da água do mar, ou mesmo inferior, podendo conduzir a situações de intrusão salina.

5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola

A disponibilização de informação por parte da DGADR, reflete a preocupação crescente deste organismo, enquanto Autoridade Nacional de Regadio, em fornecer um conteúdo informativo mais abrangente, sobre os volumes totais e úteis armazenados nas albufeiras e compará-los com as necessidades em água associadas às campanhas de rega nos diversos aproveitamentos.

Os volumes apresentados possibilitam prever se a campanha de cada ano irá ocorrer normalmente ou, se pelo contrário, são antecipadas dificuldades que, segundo a sua gravidade, determinem a tomada de medidas tendentes a diminuir o consumo de água para os vários usos, nomeadamente no regadio. As albufeiras monitorizadas e avaliadas pela DGADR, que incluem empreendimentos de fins múltiplos e equiparados, estão identificadas, na Figura 23.



Figura 23 - Localização das albufeiras monitorizadas pela DGADR (Fonte: DGADR)

Os armazenamentos registados no final de janeiro nas albufeiras monitorizados pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), estão indicados na Tabela 3. Nesta tabela apresentam-se, também, as tendências evolutivas dos armazenamentos, em relação ao final do mês anterior, e as previsões para a campanha de rega (<http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>).

Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em janeiro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, <http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>)

DISPONIBILIDADES HÍDRICAS					GESTÃO DA CAMPANHA DE REGA					
Origem	Bacia	Cota (m)	Volume Total na Albufeira (hm3)	Evolução Mensal (%)	Aproveitamento	Necessidade da Campanha (hm3)	Volume (lit) Disponível (hm3)	Estado da Campanha	Volume Consumido e Executado (hm3) (%)	Previsão para a Campanha 2025 (1º Nível de Contingência)
NORTE										
Estevalinha	Douro	624.10	1.121	70%						
Burga	Douro	324.65	0.900	58%						
Santa Justa	Douro	255.50	2.370	74%						
Salgueiro	Douro	221.90	1.780	99%						
Ribeira Grande e Arco	Douro	185.15	4.950	83%						
Vale Madeiro	Douro	289.20	1.290	85%						
Arcosó	Douro	531.00	2.890	59%						
Rego do Milho	Douro	453.90	1.680	88%						
Armaraz	Douro	749.70	1.710	59%						
Azibo	Douro	600.85	49.900	92%						
Gosel	Douro	931.50	0.250	100%						
Prada	Douro	405.00	0.790	100%						
Curralha	Douro	800.00	0.370	100%						
Matos	Douro	520.43	1.290	100%						
Cambo	Douro	104.00	0.102	100%						
Burgães	Vouga	--	--	--						
CENTRO										
Sabugal	Douro	789.70	113.930	99%						
Melmea	Douro	566.50	33.730	85%						
Aguiar	Mondego	120.37	344.780	82%						
Marechal Camama	Tejo	254.74	73.388	74%						
Parcão	Vouga	104.00	0.102	100%						
Vermosa	Douro	684.90	2.200	100%						
Macleira	Mondego	143.64	0.946	100%						
Feneiros	Vouga	482.05	0.120	100%						
Boça-Cova	Douro	575.80	4.114	86%						
Alfalotes	Douro	801.08	0.854	100%						
Açafal	Tejo	112.76	1.746	100%						
Coutadas/Tamujais	Tejo	130.10	3.313	90%						
Calde	Vouga	547.26	0.589	100%						
Maquijã	Tejo	353.65	0.134	100%						
LISBOA E VALE TO TEJO										
Alvorninha	Rib. Oeste	94.30	0.134	19%						
Caril	Tejo	93.37	2.492	93%						
Óbidos	Rib. Oeste	29.40	3.330	59%						
ALENTEJO										
Divor	Tejo	256.61	8.162	69%						
Magos	Tejo	16.58	3.304	98%						
Maranhão	Tejo	130.00	308.398	100%						
Minutos	Tejo	256.00	19.700	38%						
Montargil	Tejo	79.55	157.292	94%						
Velos	Tejo	266.81	7.520	73%						
Alvão	Sado	174.64	98.543	74%						
Campinhas	Sado	99.60	6.486	24%						
Fonle Serre	Sado	76.82	3.565	69%						
Miguel	Sado	155.13	0.693	74%						
Monte Gato	Sado	178.02	0.382	58%						
Monte de Rocha	Sado	120.55	14.045	14%						
Odiveles	Sado	99.35	65.610	68%						
Pego do Aillar	Sado	50.49	78.430	83%						
Roxo	Sado	131.40	46.460	48%						
Vale do Galo	Sado	37.08	45.520	71%						
Carlo Brigue	Alto	131.50	1.746	70%						
Santa Clara	Alto	109.79	190.446	39%						
Abilongo	Guadiana	251.50	18.754	74%						
Alqueva	Guadiana	149.14	3561.732	84%						
Luzelciti	Guadiana	181.12	8.927	87%						
Cola	Guadiana	231.97	163.370	80%						
Vigia	Guadiana	217.53	4.988	30%						
Apartaduna	Tejo	59.462	6.815	97%						
ALGARVE										
Beliche	Guadiana	46.37	32.470	68%						
Odeleite	Guadiana	46.44	98.042	78%						
Beovava	Odeleiteira	66.90	5.355	16%						
Arade (Silves)	Arade	41.36	4.800	17%						
Funchal	Arade	86.84	22.180	44%						
Odelouca	Arade	84.03	60.36	38%						
Malhada do Peres	Rib. Algarve	63.81	0.46	100%						
Pessegueiro	Guadiana	239.00	0.30	100%						
NORTE										
Afonsega da Fé		1.000	0.821	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	80%
Vale da Vilariça		1.200	0.800	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	67%
Vale da Vilariça		1.900	1.817	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	96%
Vale da Vilariça		0.300	1.630	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Vale da Vilariça		1.900	3.307	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Vale Madeiro		0.900	1.203	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Velga de Chaves		3.300	2.653	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	81%
Rego do Milho		0.500	1.587	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Terribelos		1.300	1.627	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Maceão de Cavaleiros		4.000	42.100	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Gosel		2.700	8.152	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Prada		0.163	0.240	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Curralha		0.316	0.780	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Matos		0.269	0.360	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Cambo		0.750	1.060	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Burgães		0.150	--	--	--	--			--	--
CENTRO										
Cova do Belo		50.000	110.030	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Cova do Belo		15.000	20.030	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Balio Mondego		114.000	137.780	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Idanha		40.000	75.588	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Ribeira do Parcão		0.040	0.098	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Vermosa		0.800	2.150	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Ribeiras Fria e Montão		0.500	0.920	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Pereiros		0.020	0.116	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Cereje		3.000	3.931	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Alfalotes		0.152	0.650	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Açafal		0.800	1.746	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Coutadas/Tamujais		1.985	2.922	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Várzea de Calde		0.150	0.134	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Maquijã		0.050	0.104	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
DRAP LISBOA E VALE TO TEJO										
Alvorninha		0.500	0.008	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	21%
Caril		0.231	2.142	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Óbidos		1.066	3.220	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
ALENTEJO										
Divor		2.700	8.152	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Magos		2.500	2.920	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Vale do Soraia		94.010	180.898	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Minutos		10.000	17.600	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Vale do Soraia		78.500	135.692	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Velos		3.700	6.410	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
-		--	96.043	--	--	--			--	--
Campinhas e Alto Sado		15.000	5.486	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	37%
Campinhas e Alto Sado		2.000	2.065	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Campinhas e Alto Sado		0.800	0.581	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	73%
Campinhas e Alto Sado		0.600	0.326	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	54%
Campinhas e Alto Sado		25.000	9.045	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	36%
Odiveles		44.000	39.610	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	90%
Vale do Sado		50.000	78.030	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Roxo		30.000	39.660	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	79%
Vale do Sado		35.000	37.520	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Mira		1.000	0.971	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	97%
Mira		50.000	0.050	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	0%
-		--	17.734	--	--	--			--	--
EMM		430.000	2561.732	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Luzelciti		4.000	8.327	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Cola		40.000	152.670	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Vigia		8.200	3.842	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	47%
Marvão-Apartaduna		2.000	6.330	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
ALGARVE										
Solvente Algarvia		19.000	32.070	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Solvente Algarvia		35.000	85.052	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Alvor		3.260	2.790	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Silves Lagos e Portimão		15.000	3.155	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	21%
--		--	17.210	--	--	--			--	--
--		--	37.363	--	--	--			--	--
Malhada do Peres		0.200	0.460	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	100%
Pessegueiro		0.100	0.249	Terminada	--	--			Campanha assegurada a	

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre 0 % (Salgueiro) e 37% (Gostei).

A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre 0 % (Malhada do Peres) e 49 % (Lucefecit).

No final do mês, 11 das albufeiras hidroagrícolas tinham armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental, Figura 24 , designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

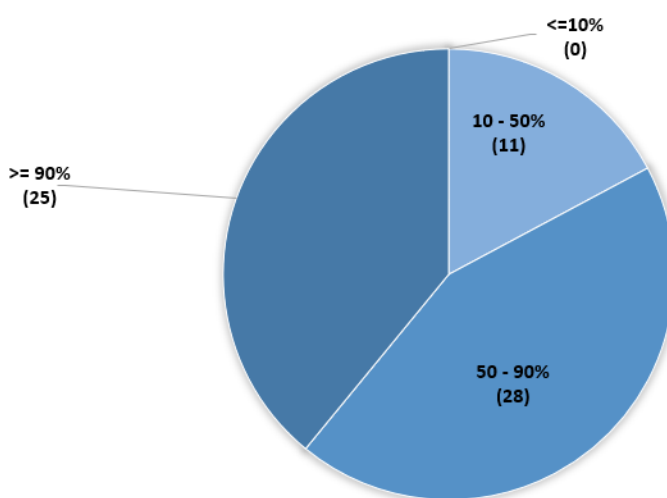


Figura 24 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

5.2. Planeamento de contingência

Excluindo as albufeiras do Alqueva e da Aguieira (sem gestão direta dos agricultores), entre os aproveitamentos analisados, a albufeira do Maranhão, na bacia hidrográfica do rio Tejo-Sorraia, é aquela que apresenta maior volume armazenado, o qual em termos de volume total corresponde a 100 % do seu pleno armazenamento (205 hm³). De referir que a albufeira de Santa Clara continua a ser explorada a partir do seu volume morto, que à data deste relatório se situava nos 190 hm³.

Na Figura 25 podemos observar a evolução dos volumes armazenados, desde o início do ano hidrológico, tanto no EFMA como nos restantes aproveitamentos hidroagrícolas.

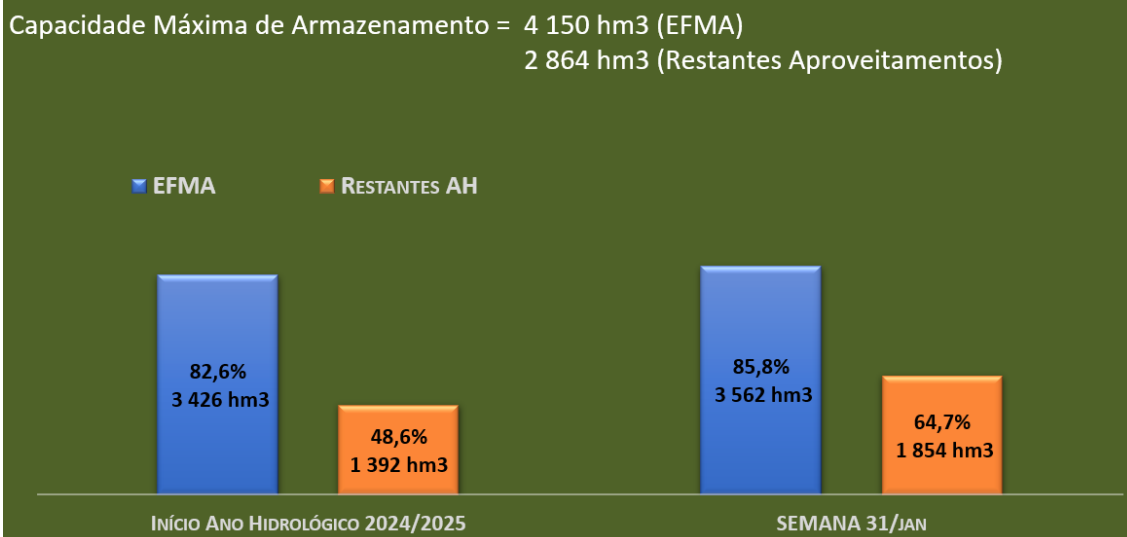


Figura 25 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

Neste mês, permanecem 5 albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3), num total de 64 albufeiras avaliadas. Estas são:

- **Bravura;**
- **Campilhas;**
- **Monte de Rocha;**
- **Santa Clara;**
- **Vigia**

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos - bem escasso e finito - sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal. Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Agueira.

Síntese do ponto de situação das albufeiras do grupo IV monitorizadas pelas DRAP Norte e Centro

Na Tabela 4 apresenta-se o ponto de situação das albufeiras do **Grupo IV** dos perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN).

Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (31 de janeiro de 2024), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CDDR Norte)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm ³)	Volume Útil (hm ³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 31.01.25 (hm ³)	Volume a 27.12.24 (hm ³)	Varição (hm ³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm ³)	%	
Alfândega da Fé	Camba	620,43	1,09	1,06	620,43	1,09	0,88	↑	0,21	100	1,06	100,0%
Bragança	Gostei	758,00	1,38	1,37	756,80	1,20	0,69	↑	0,51	86,96	1,19	86,96
Vinhais	Prada	931,50	0,25	0,24	931,50	0,25	0,25	↔	0,06	100	0,24	100,0%
Chaves	Curalha	405,00	0,79	0,78	405,00	0,79	0,57	↑	0,22	100	0,78	100,0%
Chaves	Mairos	800,00	0,37	0,36	800	0,37	0,29	↑	0,08	100	0,37	100,0%

Na Tabela 5 indica-se a percentagem de água disponível relativamente à capacidade total das albufeiras do Grupo IV, de perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC), no mês de janeiro.

Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (31 de janeiro de 2025), de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm³)	Volume Útil (hm³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 31.01.25 (hm³)	Volume a 03.01.25 (hm³)	Varição (hm³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm³)	%	
Anadia	Porção	104,00	0,10	0,10	104,00	0,10	0,10	↔	0,00	100,0%	0,10	100,0%
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,13	0,13	353,65	0,13	0,13	↔	0,00	100,0%	0,13	100,0%
Figueira Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,20	2,15	684,90	2,20	1,79	↑	0,41	100,0%	2,15	100,0%
Mortágua	Macieira	143,60	0,95	0,92	143,64	0,95	0,95	↔	0,00	100,0%	0,92	100,0%
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,12	0,12	482,05	0,12	0,12	↔	0,00	100,0%	0,12	100,0%
Pinhel / Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,87	4,68	575,80	4,11	3,40	↑	0,71	84,5%	3,93	84,5%
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,85	0,65	801,08	0,85	0,73	↑	0,12	100,0%	0,65	100,0%
Vila Velha de Rodão	Açafal	112,60	1,75	1,75	112,76	1,75	1,65	↑	0,10	100,0%	1,75	100,0%
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujaís	131,00	3,89	3,30	130,10	3,51	2,22	↑	1,29	90,3%	2,92	90,3%
Viseu	Calde	547,20	0,59	0,56	547,26	0,59	0,59	↔	0,00	100,0%	0,56	100,0%

6. Agricultura e Pecuária

Neste capítulo apresenta-se a evolução das atividades agrícolas no final de janeiro, em termos qualitativos, com indicação também de alguns valores das variações de área semeada, de produtividade e de produção face ao ano anterior (Anexos II e III).

6.1. Sementeiras de cereais praganosos

As sementeiras dos cereais praganosos tiveram início em outubro/novembro e irão decorrer entre fevereiro e março.

De uma forma geral, as germinações dos cereais (aveia, centeio, cevada, trigo e triticales) foram boas encontrando-se as searas na fase do afilhamento, com povoamentos regulares e com desenvolvimento vegetativo dentro de um padrão normal para a época, no entanto nas terras mais baixas houve algumas quebras no crescimento, devido ao encharcamento.

Respetivamente, às áreas semeadas houve um comportamento distinto dependendo da zona, mas de uma forma geral estima-se que sejam sensivelmente as mesmas do ano anterior. A fim de dar uma visão mais esclarecedora, observou-se o seguinte por região:

- Na região **Norte** perspectiva-se uma ligeira diminuição da área semeada.
- Na região **Centro** estima-se que sejam idênticas ao ano anterior, no entanto destaque para as zonas do interior, mais precisamente na Serra da Estrela e na Cova da Beira, onde houve um incremento das áreas semeadas de centeio e aveia, em cerca de 30%, relativamente ao ano passado, e igual ao ano transato nos restantes cereais. Na Campina e Campo Albicastrense estima-se um aumento da área semeada de ceada em cerca de 60%.
- Na região de **Lisboa e Vale do Tejo**, em termos gerais estima-se uma tendência de redução de áreas semeadas.
- No **Alentejo**, as áreas de cereais para grão são inferiores às do ano anterior nas culturas da aveia, trigo mole, triticales. A área de cevada é ligeiramente inferior à da campanha passada sendo, no entanto superior no Norte Alentejano.
- No **Algarve**, a área semeada aparenta ser idêntica à do ano transato, no entanto, o início do desenvolvimento das plantas é significativamente melhor, sobretudo no barlavento, o que poderá originar um aumento das produtividades.

6.2. Prados, pastagens permanentes e forragens

De uma forma geral, as condições meteorológicas verificadas ao longo do mês, nomeadamente a chuva abundante beneficiou, em geral, as culturas forrageiras e as pastagens, havendo mesmo recuperação de algumas delas que estavam debilitadas. Portanto, no mês de janeiro a situação melhorou bastante nas áreas descritas no último relatório (Península de Setúbal, Alentejo e Algarve), não sendo espectável qualquer problema de escassez nas pastagens e desenvolvimento nas culturas forrageiras.

Há que referir, que os prados, pastagens e culturas forrageiras, nomeadamente nos terrenos de cota mais alta apresentavam melhor desenvolvimento, permitindo a prática do pastoreio direto, tendo a alimentação animal sido predominantemente efetuada com base na matéria verde disponível nos pastos, complementada com silagem de milho, fenos e palhas e menor administração de rações. Nos terrenos de cotas mais baixas, os solos estavam encharcados, as plantas não cresceram por asfixia radicular e a alimentação animal por vezes é completada com base em alimentos armazenados e reforçada com concentrados.

6.3. Culturas arbóreas e arbustivas (vinha, pomares e olival):

Citrinos

Nas regiões Norte e Centro, os citrinos encontravam-se na fase de colheita, evidenciando um bom estado de desenvolvimento, com estimativas de produção semelhantes à última campanha. Verificou-se a ocorrência de alguns frutos picados assim como a presença de míldio como consequência da ausência de tratamentos fitossanitários dos pequenos agricultores.

Relativamente, à região de Lisboa e Vale do Tejo, os pomares de limoeiros apresentavam uma boa quantidade de frutos, com limões em crescimento, mas ainda sem a coloração ideal (amarela). A colheita estará prevista para o próximo mês de fevereiro. Também, se verificaram frutos mais pequenos que irão garantir a produção durante o período primavera/verão.

Nomeadamente, na região do Algarve, nas cultivares de laranja temporãs, como por exemplo a Newhall ou a Navelina, mantêm-se a previsão de quebras na produção na ordem dos 5%. De uma forma geral, os citricultores realizaram tratamentos fitossanitários contra doenças, destacando-se o míldio.

kiwi

Na região Norte estima-se uma grande diminuição da produção, por comparação com a verificada o ano passado. Esta diminuição deve-se à insuficiência de frio invernal, que afetou as estruturas

florais durante a floração. Enquanto, na região Centro os kiwis apresentavam bom calibre e uma produtividade semelhante ao ano anterior.

Olival:

A campanha da azeitona e a lagaragem ficaram concluídas no mês de dezembro e as oliveiras encontram-se em repouso vegetativo.

Como já referido nos relatórios dos meses anteriores, nesta campanha a colheita de azeitona foi iniciada mais cedo e encontrava-se concluída a meio de novembro. A atividade dos lagares foi antecipada para acompanhar a colheita mais precoce, não existindo novos dados a acrescentar relativamente à informação já apresentada.

Relativamente à produção, verificou-se um aumento da produção global de azeite, essencialmente, devido ao incremento de novos olivais na região do Alentejo.

6.4. Abeberamento dos animais

No mês de janeiro, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

7. Outras Informações

Neste capítulo do relatório de monitorização é incluída informação considerada relevante em função da situação de seca em presença, não enquadrável nos temas dos capítulos anteriores.

7.1. Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros

A utilização de veículos autotanque para reforço do abastecimento (por injeção de água em reservatórios ou instalações de tratamento) é uma prática corrente de diversas entidades gestoras, as quais recorrem a recursos próprios, a meios das autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), a veículos detidos por privados ou, mais comumente, a veículos dos Corpos de Bombeiros.

No mês de janeiro de 2025, foram reportadas 263 operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros, valor que corresponde a uma redução de cerca de 13% face ao mês precedente e a um aumento de cerca de 59% comparativamente com a média de igual período de anos anteriores, conforme ilustrado na Figura 26.

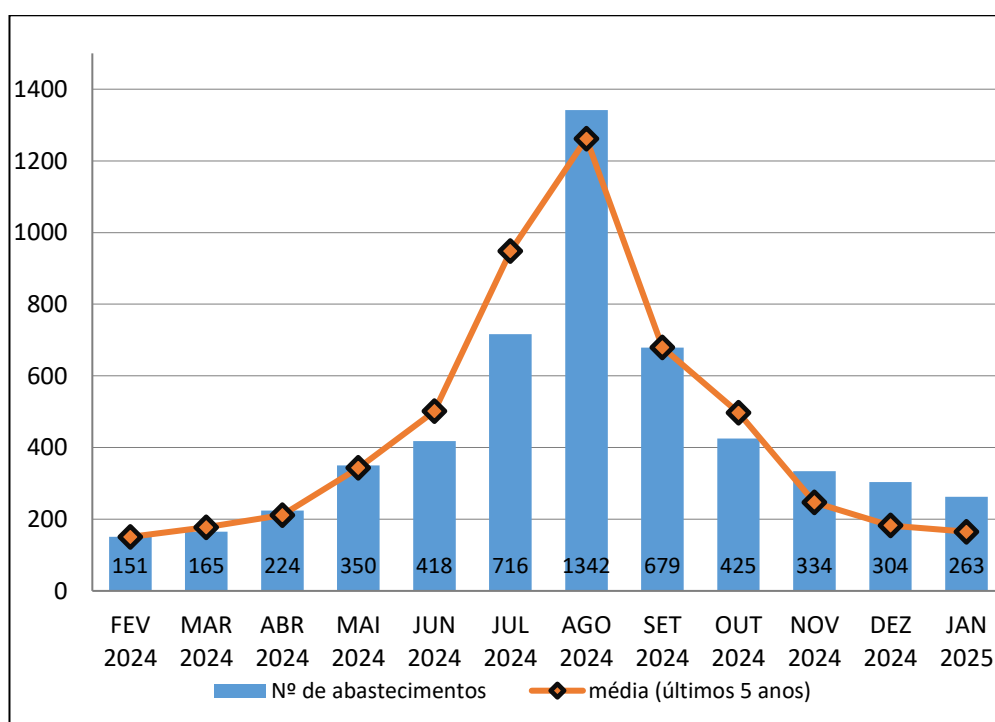


Figura 26 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC)

Numa análise distrital, verifica-se que os distritos de Bragança (70), Faro (50), Beja (48), Aveiro (31) e Lisboa (17) são aqueles que registaram um maior número de abastecimentos mensais efetuados por Corpos de Bombeiros. Importa notar, contudo, que não é possível garantir que

todas as operações de abastecimento efetuadas pelos Corpos de Bombeiros têm por finalidade o abastecimento público à população, ou que, tendo esse propósito, tal abastecimento decorra diretamente da situação de seca.

Os municípios que registaram maior número de operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros no mês em causa foram:

- Mirandela – 56 abastecimentos;
- Vila do Bispo – 42 abastecimentos;
- Ferreira do Alentejo – 36 abastecimentos;
- Barcelos – 15 abastecimentos;
- Mafra e Oliveira de Azeméis – 12 abastecimentos.

7.2. Abastecimento público

Neste capítulo pretende-se apresentar o ponto da situação mensal e a evolução entre 2022 e 2025, relativo aos volumes armazenados nas albufeiras onde as empresas do grupo Águas de Portugal captam água para abastecimento público, constando ainda:

- Identificação das albufeiras vulneráveis.
- Avaliação dos volumes totais armazenados por empresa face ao histórico.
- Avaliação dos volumes armazenados totais e úteis, por albufeira, relativos ao mês de janeiro de 2025.

Nas tabelas e figura seguintes sintetizam-se a informação compilada e analisada.

Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 31/01/2025 (Fonte: AdP)

Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, vários usos	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, vários usos.	Albufeiras no limiar dos 40%, mas que poderão ter problemas com a qualidade de água ou importa manter sob vigilância
-	Odelouca - 38,45%	Biovura - 15,50%	Santa Clara - 39,27%	-
-	-	Monte da Rocha - 13,67%	Vigia - 29,62%	-

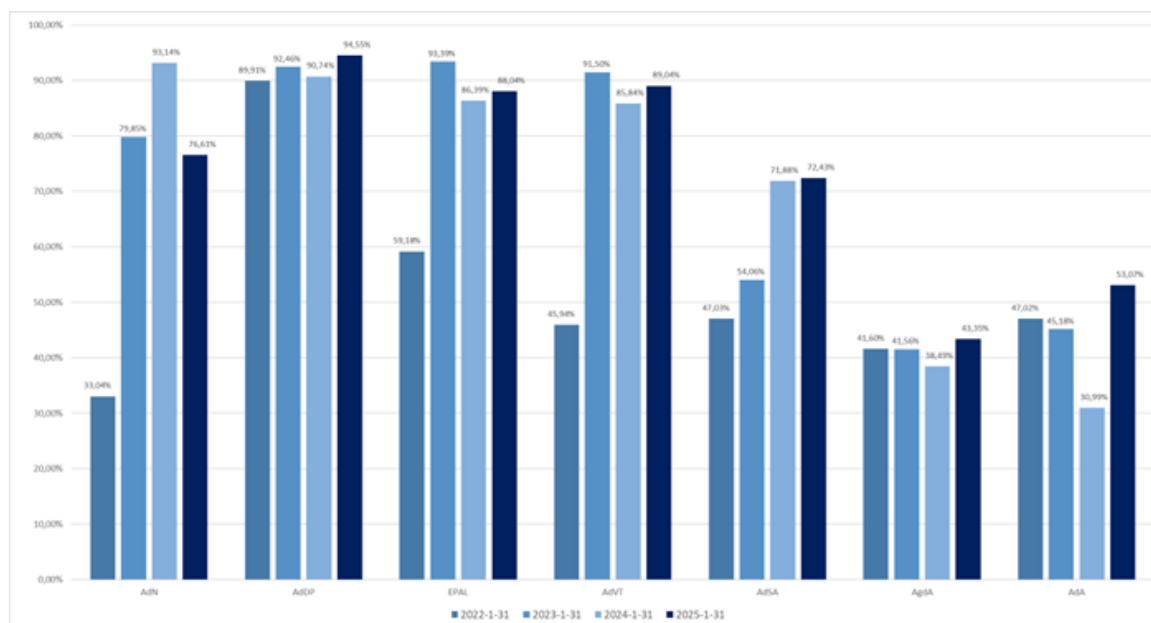


Figura 27 - Volume total armazenado (valores médios) a 31/01 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2022 e 2025 (Fonte: AdP)

Tabela 7 - Ponto de situação, a 31/01, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume total armazenado (hm³ e %) (comparação entre 2022 e 2025) (Fonte: AdP).

Empresa	Aproveitamento Hidráulico	Bacia Hidrográfica	31 Janeiro							
			2022		2023		2024		2025	
			hm³	%	hm³	%	hm³	%	hm³	%
AdN	Alipé (Vila Chã)	Douro	1,01	58,24%	1,74	100,00%	1,74	100,18%	1,36	77,95%
	Alto Rabagão	Cávado	114,00	20,05%	413,62	72,73%	537,37	94,49%	405,00	71,21%
	Arrolo	Douro	0,15	99,41%	0,15	100,00%	0,15	100,89%	0,15	99,71%
	Azibo	Douro	44,21	81,16%	50,91	93,47%	50,91	93,47%	47,56	87,31%
	Camba	Douro	1,01	91,11%	1,11	100,00%	1,12	100,89%	1,05	95,03%
	Ferradosa	Douro	0,71	98,87%	0,71	100,00%	0,71	99,94%	0,72	100,10%
	Lumbreras (Armasmar)	Douro	1,69	58,35%	2,20	75,96%	2,40	82,70%	1,94	66,84%
	Olgas	Douro	0,90	96,00%	0,94	100,00%	0,94	100,37%	0,94	100,32%
	Palameiro	Douro	0,13	56,71%	0,24	100,36%	0,24	101,91%	0,24	100,96%
	Panaineiro	Douro	0,49	63,58%	0,55	70,97%	0,47	61,16%	0,54	70,21%
	Pinhão	Douro	2,77	65,35%	4,25	100,32%	4,28	100,91%	4,28	100,91%
	Pracourca	Douro	3,11	96,50%	3,76	116,81%	3,10	96,45%	3,12	96,97%
	Queimadela	Ave	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%
	Salgueiral	Douro	0,07	50,77%	0,13	99,98%	0,13	100,00%	0,13	100,00%
	Sambade	Douro	0,63	54,51%	1,04	89,94%	1,16	100,21%	0,86	74,64%
	Serra Serrada	Douro	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,00%
	Sorob	Douro	0,90	90,02%	1,00	100,00%	0,77	76,70%	0,86	86,22%
	Touvedo	Lima	11,40	73,55%	13,65	88,06%	12,59	81,23%	12,00	77,42%
	Vale Ferreiros	Douro	1,00	82,99%	1,10	91,58%	1,02	84,86%	1,05	87,71%
	Valtimo-Mourão	Douro	0,52	46,55%	1,12	99,99%	1,12	100,36%	1,10	98,90%
Vaquinhos	Douro	3,75	101,38%	3,70	100,00%	3,80	102,66%	3,86	104,25%	
Venda Nova	Cávado	74,40	78,73%	86,30	91,32%	81,57	86,32%	88,60	93,76%	
Vilar	Douro	19,10	19,15%	96,54	96,79%	93,59	93,82%	81,50	82,08%	
AdDP	Cruzuma-Lavar	Douro	98,90	89,91%	101,71	92,46%	99,82	90,74%	104,00	94,55%
EPAL	Castelo de Bode	Tejo	648,00	59,18%	1022,61	93,39%	945,98	86,39%	964,00	88,04%
AdVT	Apertadura	Tejo	5,64	75,59%	6,59	88,26%	7,47	100,00%	7,49	100,27%
	Cabril	Tejo	251,00	34,86%	673,88	93,59%	606,79	84,28%	645,00	89,58%
	Caia	Guadiana	108,59	53,49%	184,54	90,91%	185,30	91,28%	162,48	80,04%
	Caldeirão	Mondego	3,90	70,63%	3,65	66,12%	3,64	65,92%	5,23	96,61%
	Capinha	Tejo	0,41	82,80%	0,50	100,00%	0,50	100,00%	0,50	100,00%
	Comas	Tejo	0,66	97,70%	0,33	49,39%	0,48	72,03%	0,33	49,68%
	Fuma d'Inha	Vouga	0,35	100,00%	0,30	85,55%	0,31	87,72%	0,31	87,72%
	Martimica (Stª Águeda)	Tejo	33,25	89,38%	37,20	100,00%	36,78	98,86%	37,20	100,00%
	Melmóia	Tejo	25,79	66,12%	33,28	85,34%	32,92	84,42%	32,92	84,42%
	Monte Novo	Guadiana	7,54	49,32%	13,87	90,79%	11,81	77,30%	15,28	100,00%
	Panfa Garcia	Tejo	1,06	98,70%	1,08	101,38%	1,16	108,21%	1,09	101,77%
	Pisco	Tejo	1,20	85,43%	1,20	85,64%	1,20	85,64%	1,11	79,50%
	Póvoa e Meadas	Tejo	10,31	53,42%	12,10	62,69%	16,00	82,91%	14,41	74,67%
	Ranhados	Douro	1,57	60,55%	2,96	113,75%	2,60	100,00%	2,60	100,00%
	Salugal	Douro	73,23	64,07%	97,75	85,52%	99,97	87,46%	118,33	103,53%
	Santa Luzia	Tejo	34,46	64,17%	51,70	96,28%	46,71	86,98%	51,53	95,96%
Vasconcelos	Douro	1,80	59,93%	3,17	105,61%	3,17	105,61%	3,17	105,61%	
Vigia	Guadiana	8,81	52,66%	10,51	62,86%	7,57	45,26%	4,95	29,62%	
AdSA	Morgaveil	Ribeiras do Alentejo	14,13	47,03%	17,57	54,06%	23,36	71,88%	23,54	72,43%
AgdA	Alvito	Sado	98,09	74,03%	107,95	81,47%	99,23	74,89%	98,54	74,37%
	Enxó	Guadiana	8,25	79,36%	9,79	94,13%	8,39	80,67%	8,94	85,99%
	Monte Clérigo	Guadiana	0,00	0,00%	0,00	0,00%	0,16	39,16%	0,27	67,72%
	Monte de Rocha	Sado	15,76	15,33%	10,99	10,70%	11,40	11,10%	14,05	13,67%
	Roxo	Sado	20,87	21,67%	35,57	36,93%	42,38	44,00%	46,46	48,24%
Santa Clara	Mira	201,19	41,48%	179,60	37,03%	156,88	32,34%	190,45	39,27%	
AdA	Beliche	Guadiana	21,47	44,73%	24,83	51,72%	15,45	32,18%	32,47	67,65%
	Braçara	Ribeiras do Algarve	5,01	14,38%	4,36	12,53%	3,29	9,44%	5,40	15,50%
	Odeleite	Guadiana	68,18	52,45%	77,18	59,37%	50,64	38,88%	98,05	75,42%
	Odelouca	Alentejo	79,24	50,47%	60,72	38,67%	45,25	28,82%	60,36	38,45%

Nas figuras seguintes apresentam-se os volumes armazenados totais e úteis por albufeira relativo ao mês de janeiro de 2025, bem como a respetiva capacidade de armazenamento.

No quadro seguinte sistematizam-se as situações consideradas como “Prioritárias” ou “Em vigilância” bem como as respetivas medidas, à data de 31 de janeiro de 2025 (existe alguma informação em atualização).

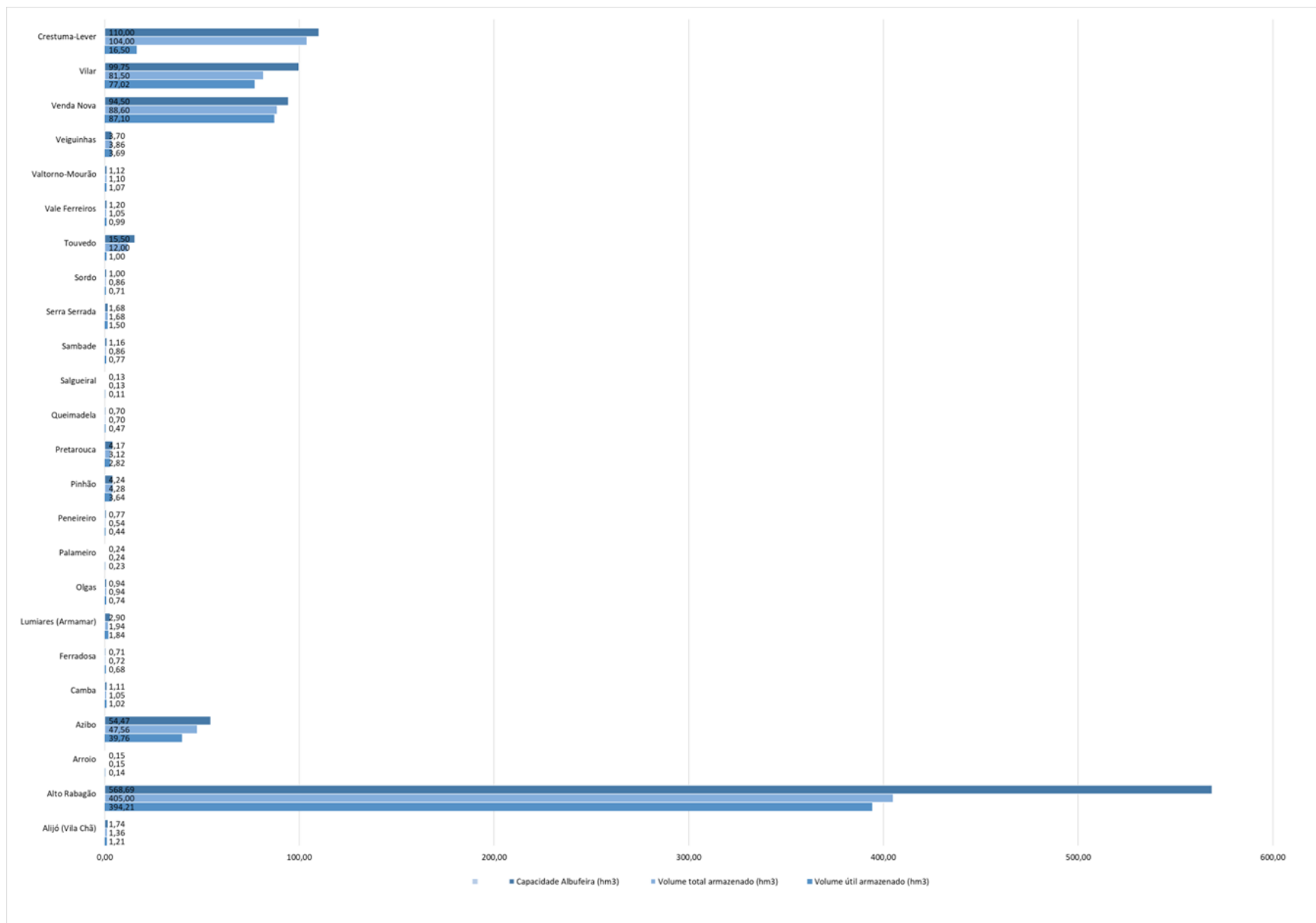


Figura 28 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2025 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).

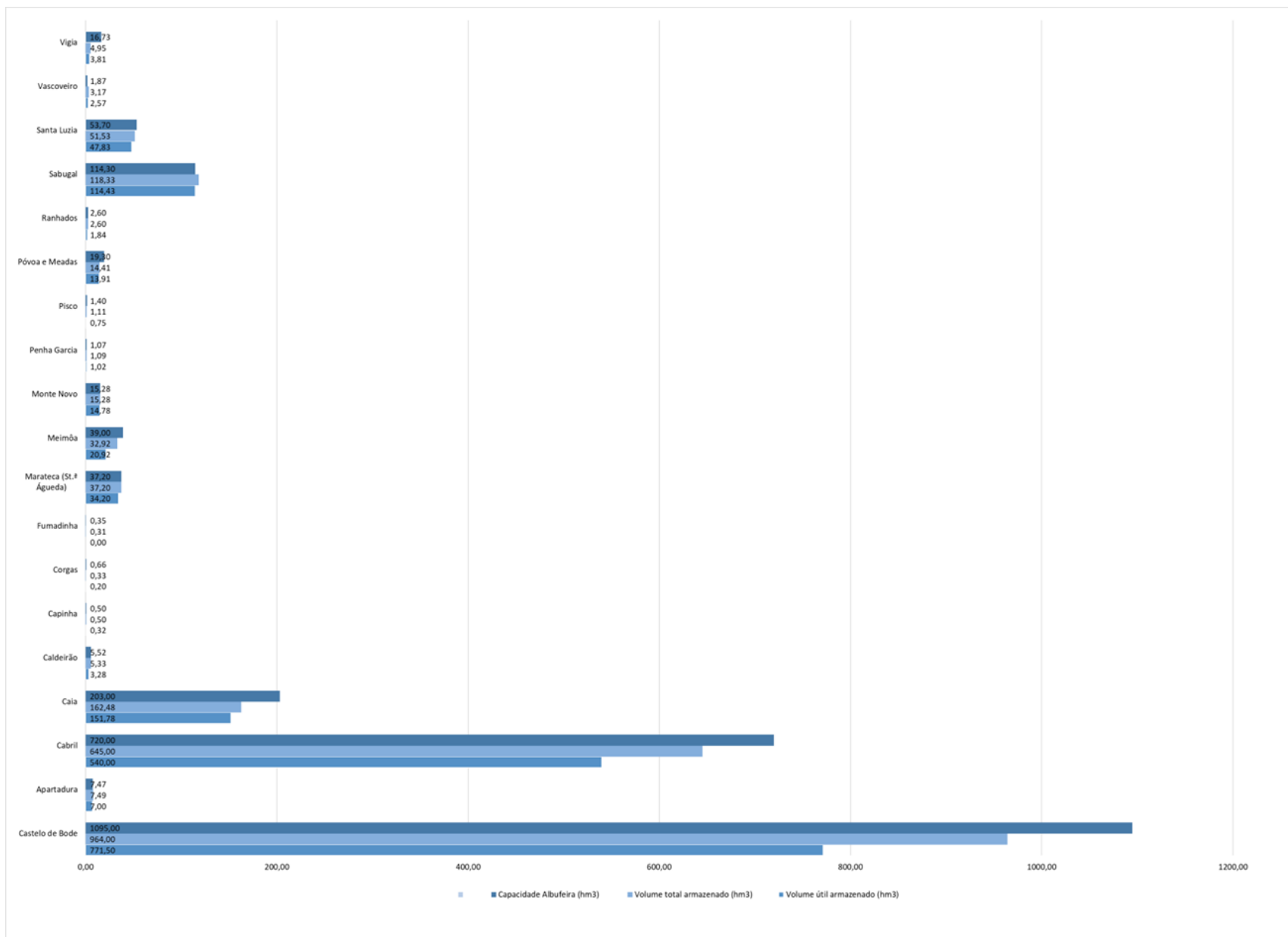


Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2025 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).

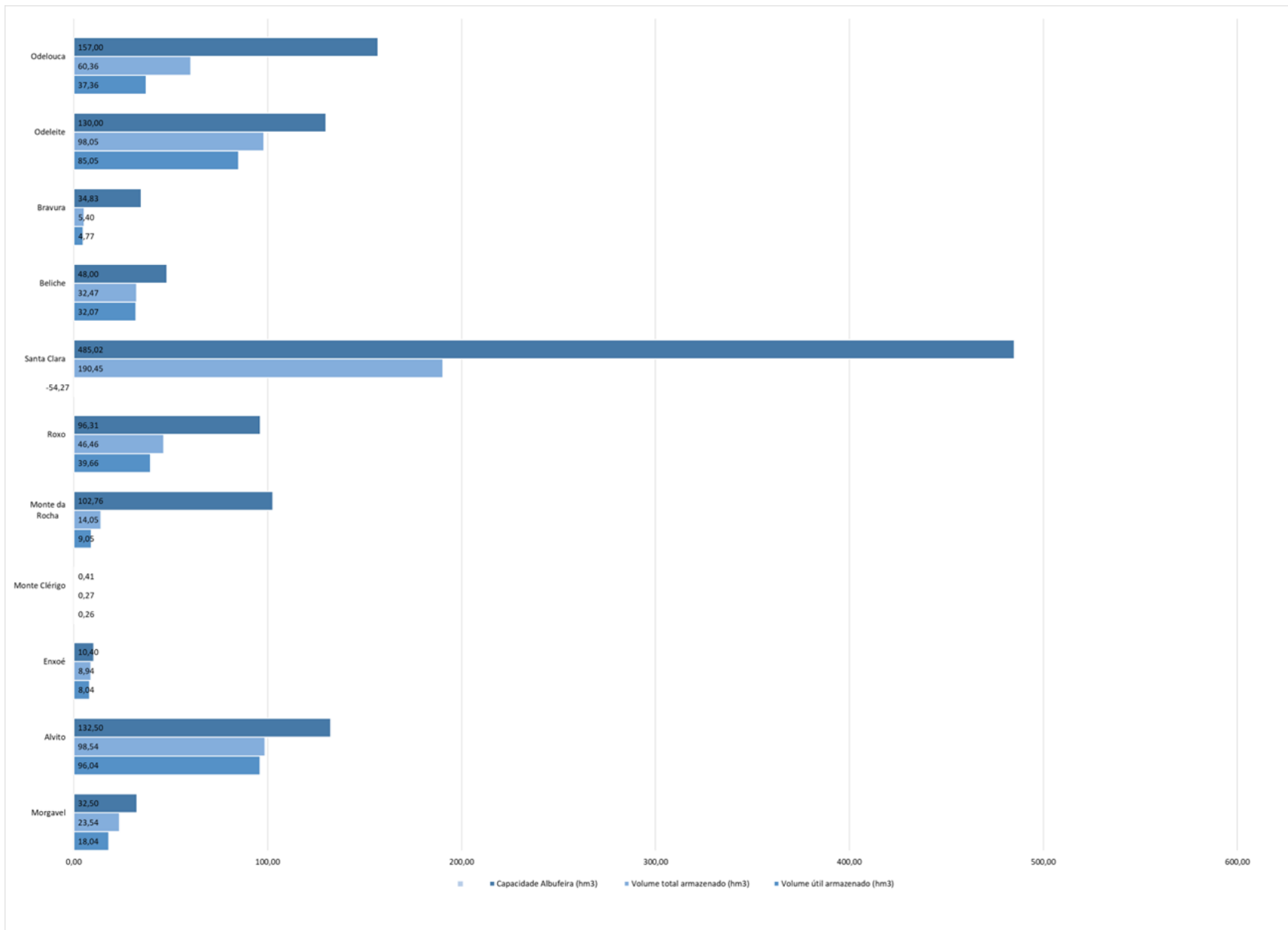


Figura 30- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2025 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP).

Tabela 8 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas do Centro Litoral	20/12/2024	Ribeira de Alge	Ansião, Figueiró dos Vinhos, Penela	Drenos de captação	Monitorização permanente do nível do poço de captação. Verificou-se, desde o final da semana de 11-15 julho de 2022, uma redução substancial do volume de água na Ribeira de Alge e um conseqüente abaixamento do nível do poço de captação.	Prioritária ●	Tendo como objetivo a avaliação da possibilidade de recurso a águas subterrâneas, como alternativa/reforço das atuais captações sub superficiais, vai ser desenvolvido um estudo hidrogeológico. Aprovado em reunião de CA de 10-09-2024 o início de um procedimento administrativo de Ajuste Direto pelo Setor Especial para a contratação deste estudo à empresa Waterways.	Não	Por concretizar
Águas do Centro Litoral	26/12/2024	Mosteiro de Folques	Arganil	Drenos de captação	Integração nas infraestruturas do Sistema Multimunicipal da captação e ETA municipais de Folques, destinada a aumentar a resiliência do subsistema	Prioritária ●	"Proceder à avaliação funcional das infraestruturas para avaliar a oportunidade da manifestação junto do município do interesse na integração no Sistema Multimunicipal. Em contatos estabelecidos com o Município de Arganil, a AdCL manifestou interesse na integração da infraestrutura municipal no Sistema Multimunicipal, estando em curso a preparação documental necessária á formalização do acordo/protocolo a estabelecer entre as partes.	Não	Em fase estudo/projeto

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas Públicas do Alentejo	02/12/2024	Monte Clérigo	Almodôvar	Albufeira	Origem que complementa Monte da Rocha. Volume armazenado disponível de 179 955 m3. Necessidades anuais para abastecimento público 186 702 m3.	Em vigilância	●	Licenciamento da captação e integração da barragem no futuro contrato de concessão	Sim	Por concretizar
Águas Públicas do Alentejo	02/12/2024	Santa Margarida da Serra	Grândola	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Comunicação da evolução das captações ao município. Recomendação da restrição de usos não potáveis. Transporte de água efetuado no dia 29/09, 04/10, 09/10, 12/10 e 13/10 de 2022.	Não	
Águas do Algarve	01/06/2024	Albufeira da Bravura	Lagos, Vila do Bispo e Aljezur	Albufeira	Albufeira com restrições aos utilizadores. Necessidades do Abastecimento Público em cerca de 2,5 hm3. Instalado Sistema de Captação do Volume Morto, em caso de contingência para o Abastecimento Público.	Em vigilância	●	Implementadas restrições aos diversos usos. Plano de Ação para a Seca da AdA/AdP; Acompanhamento através de reuniões extraordinárias da Sub-Comissão da Região Sul de Albufeiras; em vigor RCM 26-A/2024 de 20 de fevereiro.	Sim	

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas do Algarve	01/06/2024	Albufeira de Odelouca	Loulé, Albufeira, Silves, Monchique, Lagoa, Portimão, Lagos, Vila do Bispo, Aljezur	Albufeira	Em 31 de Maio de 2024 - Volume útil de cerca de 43 hm ³ , necessidades do abastecimento público de cerca de 35hm ³ anuais. Albufeira exclusiva para o abastecimento público.	Em vigilância	●	Necessário manter redução de caudal ecológico (50%) conforme previsto na RCM, por forma a assegurar segurança hídrica para o abastecimento público. Plano de Ação para a Seca da AdA/AdP; Acompanhamento através de reuniões extraordinárias da Sub-Comissão da Região Sul de Albufeiras; em vigor RCM 26-A/2024 de 20 de fevereiro.	Sim	
Águas do Algarve	01/06/2024	Albufeiras de Odeleite e Beliche	Loulé, Faro, Olhão, São Brás de Alportel, Tavira, Castro Marim, Vila Real de St. António, Alcoutim	Albufeira	Em 31/05/2024 o Volume útil da albufeira de Odeleite era de 39,6 hm ³ e da albufeira de Beliche era de 13,7 hm ³ . Necessidades do abastecimento público de cerca de 30-35 hm ³ anuais. Albufeiras de Fins-Múltiplos com forte conflito de usos em situação de seca.	Em vigilância	●	Implementadas restrições aos diversos usos. Plano de Ação para a Seca da AdA/AdP; Acompanhamento através de reuniões extraordinárias da Sub-Comissão da Região Sul de Albufeiras; em vigor RCM 26-A/2024 de 20 de fevereiro	Sim	

7.3. Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão

Os volumes globais transferidos a partir de Alqueva e Pedrogão para perímetros e aproveitamentos confinantes, estão apresentados na Tabela 9 e na Tabela 10. São, ainda, indicados os volumes transferidos para cada um dos subsistemas do EFMA na Tabela 11, bem como os pontos de medição na Figura 31.

Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/02/2025 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Cota (m)	NPA (m)	Volume total albufeira (hm ³)	Volume útil albufeira (hm ³)	Volume armazenado (hm ³)	Volume morto (hm ³)	Volume útil armazenado (hm ³)	Percentagem volume útil (%)
1- Alqueva	149,16	152,00	4150,00	3117,00	3446,00	1033,0	2413,0	77,4
2 - Alvito	194,65	197,50	132,50	130,00	98,66	2,50	96,2	74,0
3 - Brinches	131,76	135,00	11,00	9,67	8,28	1,33	7,0	71,9
4 - Amoreira	132,63	135,00	10,69	8,99	7,81	1,7	6,1	67,9
5 - Pisão	154,88	155,00	8,20	6,66	8,03	1,5	6,5	97,4
6 - S. Pedro	139,16	142,50	10,83	8,55	5,88	2,28	3,6	42,1
7 - Serpa	122,64	123,50	10,20	9,90	8,97	0,3	8,7	87,6
8 - Loureiro	220,54	222,00	6,98	2,48	5,77	4,50	1,3	51,2
9 - Penedrão	168,21	170,0	5,2	3,60	3,92	1,6	2,3	64,3

Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/02/2025 (Fonte: EDIA)

Transferências (hm ³)		
Albufeiras	Jan	Total
A - Odivelas	0,005	0,005
B - Roxo*	0,012	0,012
C - Vale do Gaio	0,000	0,000
D - Enxoé	0,226	0,226
E - Magra	0,590	0,590
F - Morgavel	0,000	0,000
G - Fonte Serne	0,000	0,000
H -Monte Novo	0,000	0,000
I - Alto-Sado	0,001	0,001
J -Guadiana-Álamos	0,000	0,000
K - Ardila	0,148	0,148
L - Pedrogão MD	0,759	0,759
M - Loureiro-Alvito	0,000	0,000
N- Vigia	0,000	0,000

*Inclui consumos clientes EDIA, ARBCAS e ADSA

Tabela 11 - Volumes totais elevados (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/02/2025 (Fonte: EDIA)

Volumes Elevados (hm ³)	
Alqueva	0,00
Ardila	0,15
Pedrogão	0,76

Aspetos mais relevantes a sinalizar:

- i. A albufeira de Alqueva estava, no início de fevereiro, à cota (149,16 m) portanto a 2,84 m do seu NPA, tendo subido 0,99 m relativamente ao último mês, sendo o seu volume de armazenamento útil e total de, respetivamente, 2.413 hm³ e 3446 hm³, portanto mais 199 hm³ que no mês passado - e correspondendo a 77,4% do volume útil da albufeira.
- ii. A albufeira do Alvito está a cota (194,65 m), portanto a 2,85 m do seu NPA.

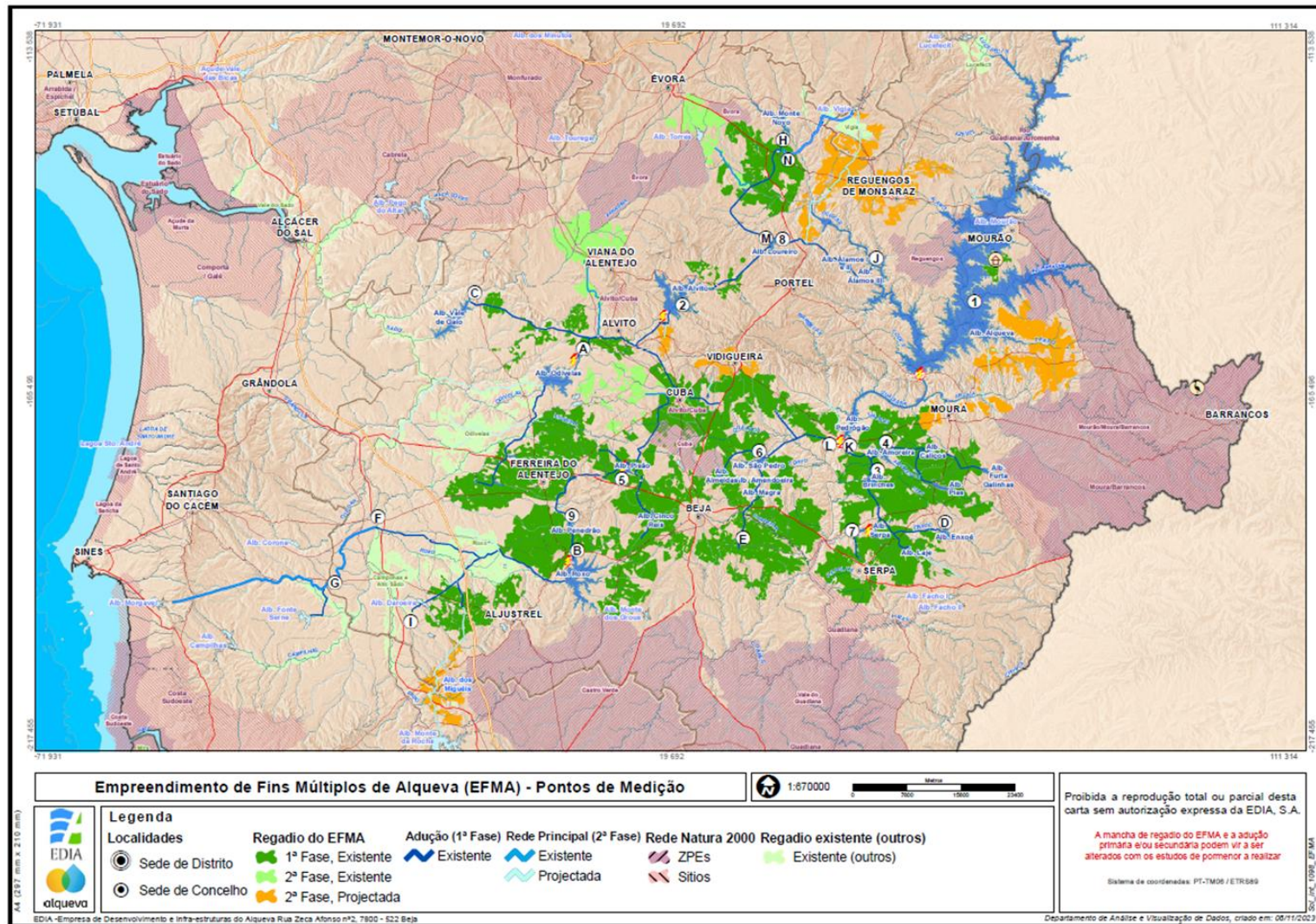


Figura 31 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão

ANEXOS

Anexo I

Atualização dos níveis de seca hidrológica

Os níveis de seca hidrológica propostos no Plano de Prevenção e Mitigação dos Efeitos da Seca foram definidos tendo por base as séries de dados de volumes armazenados por bacia hidrográfica, considerando o período entre 1992/93 e 2019/20. Contudo, as atuais condições das reservas hídricas superficiais não são as mesmas:

- Na última década tem-se observado um aumento da frequência de períodos de seca e uma ausência de anos húmidos;
- Os padrões de precipitação têm vindo a alterar-se de forma significativa;
- Os usos associados às barragens monitorizadas no Boletim de Albufeiras têm vindo a alterar-se;
- A avaliação dos volumes disponíveis tem de integrar novas barragens, como Baixo Sabor, Ribeiradio, entre outras.

Neste contexto, importa proceder à atualização dos níveis de alerta definidos para cada bacia hidrográfica monitorizada, tendo por base um conjunto de índices, de registos históricos de secas e dos seus impactos nos diversos setores, com particular incidência nos últimos 20 anos, nas secas de 2004/05, 2011/12 e 2016/17.

Importa ter presente que reconhecer uma seca emergente, ou saber se a seca terminou, implica perceber o que é normal para um determinado local ou estação do ano e considerando períodos de tempo o mais longos possível. A compilação de dados sobre os impactos nos diversos setores assume enorme relevância na avaliação da situação de seca.

A análise dos períodos de seca hidrológica por bacia hidrográfica começou pela aplicação de um índice que permite avaliar o volume de água disponível nas albufeiras, *Drought State Index for Reservoirs (DSIR)*. Este índice aplicado às séries de volume armazenado mensal, por bacia hidrográfica, permite avaliar em cada mês o nível de seca, quando comparado na série total.

$$DSIR = \frac{1}{2} * [1 + (Vi - Vav)/(Vmax - Vmin)], \text{ se } Vi \geq Vav$$

$$DSIR = \frac{1}{2} * (Vi - Vmin)/(Vav - Vmin), \text{ se } Vi < Vav$$

Onde V_i – volume armazenado no mês i ; V_{av} – volume armazenado médio; V_{max} – volume armazenado máximo e V_{min} – volume armazenado mínimo

Procedeu-se ainda ao cálculo dos percentis 5 até 75, para a série histórica de cada mês do ano hidrológico, considerando períodos de tempo o mais longos possível. No caso das bacias hidrográficas do Guadiana e do Arade foi considerado um período de análise mais curto, tendo em conta a entrada em funcionamento das

barragens de Alqueva e Odelouca, respetivamente. A bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve Sotavento, que tem ligação ao sistema Odeleite-Beliche, foi avaliada tendo em conta os volumes deste sistema. A bacia hidrográfica do Vouga não tem ainda associado níveis de alerta por ter uma série de dados que ainda não é estatisticamente representativa, será por isso apenas avaliada relativamente à média.

A informação estatística foi correlacionada com os impactos das secas nas últimas duas décadas, o que conduziu às classes de seca hidrológica constantes da Tabela 12.

Tabela 12 - Classes de seca hidrológica (Fonte: APA)

Nível de seca hidrológica	Percentis	Potenciais Impactos
Normal]P50; P75]	Situação normal correspondente a um ano médio
Seca fraca]P25; P50]	Possível início de seca - Seca de curto prazo com possível impacto no cultivo e no crescimento de culturas ou pastagens. Possível fim da seca: Pastagens ou culturas não totalmente recuperadas, mas ainda com défice de água.
Seca moderada]P10; P25]	Alguns impactos nas culturas, pastagens, diminuição dos caudais nos rios, nos volumes armazenado nas albufeiras, diminuição das reservas subterrâneas. Seca em desenvolvimento.
Seca severa]P5;P10]	Perdas em culturas ou pastagens; Escassez de água; Restrições aos usos
Seca extrema	<=P5	Grandes perdas em culturas/pastagens; Escassez ou restrições generalizadas de água

A metodologia descrita é aplicada a cada mês do ano permitindo desta forma definir níveis de alerta mensais. Assim é possível o monitorizar em contínuo do estado das reservas hídricas superficiais, por bacia hidrográfica, antecipar possíveis situações de seca e implementar medidas de prevenção de seca.

- BACIA HIDROGRÁFICA DO LIMA**

Bacia do Lima												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	29.9%	29.0%	29.7%	30.0%	35.3%	38.0%	51.7%	58.8%	56.0%	49.7%	46.3%	33.9%
P10	34.9%	30.5%	33.4%	37.5%	38.7%	46.0%	58.5%	63.8%	59.5%	53.5%	47.9%	40.4%
P25	41.6%	39.6%	51.7%	52.0%	53.3%	66.6%	72.4%	69.1%	65.8%	57.8%	52.2%	44.9%
P50	53.1%	58.1%	62.3%	63.9%	68.7%	73.5%	80.1%	81.7%	77.8%	67.5%	58.8%	52.3%
P75	60.5%	70.0%	70.9%	81.0%	77.5%	83.3%	87.4%	87.2%	82.2%	73.4%	66.4%	61.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO CÁVADO**

Bacia do Cávado												
Percentis	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	51.5%	48.3%	52.2%	51.0%	48.8%	50.2%	54.3%	58.5%	57.3%	52.8%	50.2%	49.7%
P10	52.1%	51.3%	55.9%	53.7%	51.3%	51.8%	56.7%	60.7%	58.5%	56.3%	54.1%	51.5%
P25	53.5%	59.7%	57.6%	58.8%	61.6%	65.8%	66.9%	69.5%	65.9%	60.6%	57.8%	54.7%
P50	59.0%	62.9%	66.3%	70.3%	72.0%	71.1%	76.3%	76.1%	72.3%	68.4%	64.6%	61.6%
P75	66.9%	69.2%	75.3%	82.2%	84.2%	83.8%	85.7%	82.0%	77.2%	73.1%	68.4%	66.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO AVE**

Bacia hidrográfica do Ave												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	32.6%	26.5%	37.9%	43.5%	45.7%	47.7%	59.5%	56.6%	40.7%	36.5%	30.3%	30.4%
P10	35.9%	35.3%	46.6%	49.9%	50.3%	52.3%	61.0%	59.8%	50.3%	47.2%	38.7%	32.6%
P25	42.1%	43.6%	54.7%	56.8%	62.1%	59.4%	65.8%	68.7%	59.8%	55.4%	45.7%	39.6%
P50	52.4%	64.3%	65.7%	75.8%	70.0%	71.7%	78.0%	78.6%	68.7%	61.7%	53.5%	48.0%
P75	66.2%	79.5%	97.0%	91.7%	93.5%	84.5%	88.8%	86.8%	76.4%	70.1%	64.5%	56.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO**

Bacia hidrográfica do Douro												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50.4%	49.3%	53.9%	54.8%	55.1%	57.2%	57.2%	57.6%	57.6%	54.7%	52.5%	51.4%
P10	51.9%	52.7%	55.1%	55.3%	57.0%	58.5%	58.1%	62.8%	60.3%	57.2%	54.3%	53.6%
P25	56.7%	57.2%	58.0%	59.1%	61.3%	67.0%	70.5%	68.4%	66.2%	62.6%	59.4%	57.7%
P50	61.4%	60.0%	65.1%	68.0%	72.4%	74.3%	78.1%	74.9%	73.0%	68.8%	64.7%	61.6%
P75	63.1%	65.8%	71.3%	82.5%	80.5%	83.0%	80.7%	81.8%	77.2%	73.9%	71.2%	64.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MONDEGO**

Bacia Hidrográfica do Mondego												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	54.3%	56.2%	57.3%	62.0%	66.6%	70.0%	80.0%	83.3%	78.6%	70.7%	61.2%	56.0%
P10	56.5%	58.1%	60.1%	62.7%	66.9%	71.0%	80.9%	85.1%	80.4%	71.7%	63.3%	57.2%
P25	59.0%	64.1%	64.8%	66.6%	69.8%	73.4%	83.3%	86.7%	83.5%	74.0%	65.6%	60.6%
P50	61.9%	67.6%	70.3%	69.6%	72.5%	79.1%	89.3%	89.6%	87.8%	78.5%	67.3%	62.5%
P75	67.5%	72.4%	75.1%	77.0%	77.2%	81.0%	92.5%	92.2%	89.8%	81.9%	71.7%	63.4%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO**

Bacia hidrográfica do Tejo												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50%	56%	56%	54%	53%	58%	61%	63%	61%	57%	54%	50%
P10	54%	56%	57%	58%	58%	64%	65%	68%	66%	62%	58%	56%
P25	58%	59%	62%	64%	67%	74%	77%	76%	72%	67%	62%	59%
P50	63%	63%	72%	79%	82%	81%	83%	83%	80%	73%	67%	64%
P75	66%	68%	84%	89%	88%	87%	90%	88%	84%	76%	71%	68%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO OESTE**

Bacia Hidrográfica das Ribeiras do Oeste												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	22.1%	25.1%	33.1%	36.1%	36.7%	36.4%	34.0%	31.8%	28.8%	26.6%	22.2%	21.0%
P10	26.3%	32.6%	38.9%	38.0%	38.9%	39.8%	39.7%	41.4%	36.7%	32.6%	28.9%	27.0%
P25	40.5%	43.2%	48.6%	52.1%	52.1%	51.3%	55.4%	54.7%	51.4%	48.2%	44.9%	42.3%
P50	49.7%	54.2%	56.9%	61.1%	67.7%	68.8%	67.1%	68.7%	66.0%	61.6%	57.1%	52.7%
P75	65.3%	67.7%	74.6%	82.1%	86.1%	86.7%	87.8%	83.6%	78.8%	73.9%	69.5%	66.3%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO SADO**

Bacia hidrográfica do Sado												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	18.6%	19.0%	25.3%	27.4%	29.7%	36.2%	38.3%	35.2%	30.3%	24.8%	20.1%	18.2%
P10	21.0%	21.4%	27.9%	30.5%	34.8%	42.1%	43.1%	39.2%	34.8%	29.3%	24.5%	21.8%
P25	31.3%	33.3%	40.0%	41.5%	43.5%	48.2%	49.1%	50.3%	46.6%	39.6%	33.4%	30.3%
P50	40.6%	44.7%	50.8%	63.4%	64.8%	65.4%	66.7%	62.7%	56.3%	48.8%	42.7%	39.3%
P75	56.1%	58.0%	71.1%	73.7%	77.9%	84.8%	85.9%	82.7%	76.9%	69.1%	61.0%	56.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO GUADIANA**

Bacia hidrográfica do Guadiana												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	59.3%	60.1%	64.5%	64.5%	64.9%	67.8%	67.1%	66.3%	64.4%	62.1%	60.6%	59.9%
P10	61.5%	61.8%	64.9%	65.7%	65.3%	69.4%	68.8%	68.0%	66.6%	64.6%	62.1%	61.6%
P25	66.2%	69.4%	74.3%	73.7%	76.2%	75.9%	75.8%	75.3%	73.5%	70.1%	66.6%	65.3%
P50	74.2%	75.5%	76.1%	77.3%	80.0%	81.3%	81.1%	81.3%	78.9%	76.0%	74.5%	74.0%
P75	76.9%	79.2%	83.6%	87.5%	88.8%	89.3%	88.4%	86.4%	83.8%	81.6%	79.2%	78.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MIRA**

Bacia hidrográfica do Mira												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	40.7%	41.2%	42.5%	42.4%	44.8%	44.3%	44.2%	43.3%	41.9%	40.3%	38.8%	37.8%
P10	42.6%	43.0%	48.8%	49.0%	50.3%	51.0%	50.4%	49.2%	47.8%	46.1%	44.2%	42.8%
P25	55.5%	59.2%	59.4%	61.8%	63.3%	67.2%	66.9%	65.2%	62.9%	60.3%	57.7%	55.9%
P50	71.0%	71.6%	73.2%	77.9%	77.3%	78.1%	80.5%	80.4%	77.9%	74.9%	72.3%	71.1%
P75	81.7%	81.1%	83.9%	84.9%	87.7%	88.1%	90.8%	89.3%	87.0%	84.2%	81.3%	80.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO ARADE**

Bacia hidrográfica do Arade												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	33.6%	33.6%	38.6%	38.2%	40.3%	38.4%	41.9%	40.7%	38.9%	35.5%	32.0%	29.9%
P10	35.7%	36.6%	40.2%	40.0%	41.4%	45.4%	45.5%	44.5%	42.2%	38.9%	35.6%	33.4%
P25	40.3%	41.0%	48.3%	53.0%	52.4%	52.9%	52.4%	51.4%	48.2%	44.5%	40.8%	39.3%
P50	46.3%	49.1%	54.1%	55.0%	56.8%	60.4%	61.9%	61.1%	57.6%	53.8%	50.1%	47.0%
P75	56.5%	55.0%	55.3%	58.8%	61.6%	72.1%	74.8%	72.2%	68.6%	64.4%	60.3%	57.6%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (BARLAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Barlavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	11.8%	12.7%	18.5%	19.8%	25.7%	25.2%	23.8%	21.8%	19.0%	15.7%	12.2%	10.2%
P10	17.1%	17.0%	29.9%	31.2%	32.9%	32.5%	32.7%	31.1%	28.5%	23.7%	18.8%	15.1%
P25	37.9%	45.6%	48.7%	58.0%	59.9%	61.2%	61.9%	57.6%	52.6%	46.4%	40.9%	36.8%
P50	60.1%	60.1%	68.9%	72.5%	78.8%	81.2%	80.6%	79.9%	75.5%	69.6%	64.0%	60.0%
P75	70.3%	70.9%	81.3%	91.7%	97.0%	97.3%	97.1%	93.0%	87.8%	80.7%	74.0%	70.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (SOTAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Sotavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	31.0%	39.1%	43.5%	44.8%	45.0%	44.6%	46.0%	45.5%	42.9%	38.6%	33.7%	29.5%
P10	36.2%	44.7%	47.9%	49.3%	47.8%	46.7%	47.7%	51.2%	48.7%	45.9%	43.0%	39.6%
P25	46.5%	51.4%	63.4%	63.9%	67.2%	71.2%	69.4%	65.5%	61.0%	55.6%	50.4%	48.7%
P50	66.2%	69.1%	71.9%	74.9%	78.0%	82.0%	82.1%	82.8%	78.8%	74.7%	71.2%	68.5%
P75	76.5%	74.6%	76.7%	77.7%	87.0%	89.8%	89.7%	92.4%	88.3%	83.1%	78.4%	74.3%

Anexo II

Variação da Área Cultivada em relação à campanha anterior (%) Campanha 2024/25

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras					
Milho					
Sorgo					
Aveia					
Azevém				0	
Centeio					
Consociações					
Leguminosas		0 a +20			
Prados temporários		0 a +30			
Pastagens permanentes					
Cereais Outono/Inverno:					
Trigo mole	-14 a 0	-20 a 0	-2 a 0	-10	0
Trigo duro			0	0	0
Triticale	-6 a +15	-20 a 0	0	-15 a -15	0
Aveia	-15 a +8	-10 a +30	-50 a 0		
Centeio	-59 a +8	-20 a +30		0	0
Cevada	-37 a +3	-10 a +50	0	-10 a -15	0
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Girassol					
Grão-de-Bico					
Milho de Regadio					
Milho de Sequeiro					
Melão					
Tomate para Indústria					

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

a) Ainda não é possível estimar

b) Área retificada

Anexo III

Varição da Produtividade/Produção* em relação à campanha anterior (%)
Campanha 2024/2025

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras:					
Aveia					
Azevém					
Centeio					
Consociações					
Milho					
Sorgo					
Cereais Outono/Inverno:					
Trigo mole					
Trigo duro					
Triticale					
Centeio					
Cevada					
Aveia		-20 a +30	a)	0 a 5	0
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Milho de Regadio					
Milho Sequeiro					
Grão-de-Bico					
Melão					
Tomate para Indústria					
Girassol					
Culturas Permanentes					
Alfarroba					
Amêndoa					
Avelã					
Azeitona de Mesa					
Azeitona de Azeite	-92 a +52*	-30 a +30*	-15 a -5*	+15*	-75 a -55*
Cereja					
Castanha					
Kiwi					
Mirtilo					
Laranja					-5*
Maçã					
Noz					
Pêssego					
Pera					
Figo					
Uva de Mesa					
Uva para Vinho					

* - Produção

a) Ainda não é possível estimar

